

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A ESTRUTURA DA NARRATIVA NA ENTREVISTA
TERAPÊUTICA

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À UNIVERSIDADE FEDE-
RAL DE SANTA CATARINA PARA A OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM LETRAS, ÁREA DE LINGUÍ-
TICA TEÓRICA.

IVANIR BARP GARCIA

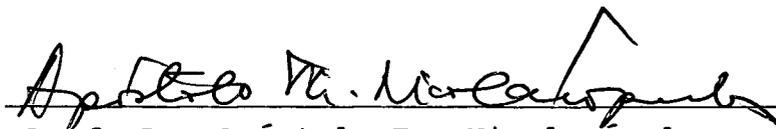
FLORIANÓPOLIS

1986

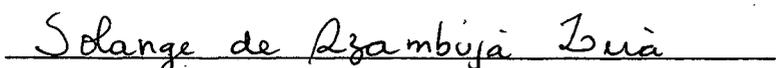
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de

MESTRE EM LETRAS

Área de Lingüística Teórica e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras.

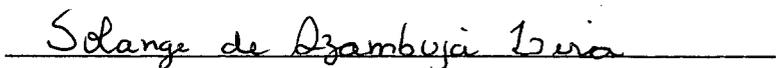


Prof. Dr. Apóstolo T. Nicolacópulos
Coordenador do Curso de Pós-Graduação
em Letras - Lingüística



Profª Drª Solange de Azambuja Lira
Orientadora

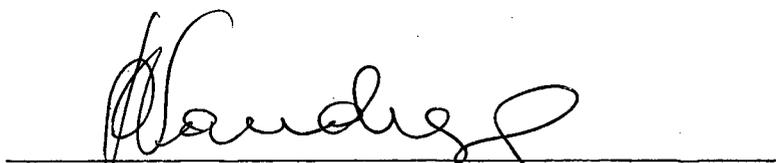
BANCA EXAMINADORA:



Profª Drª Solange de Azambuja Lira



Profª Drª Leonor Scliar-Cabral



Prof. Dr. Paulino Vandresen

A

Raphael

Giovani

Marco Aurélio

por suportarem minha ausência.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. O Problema	1
1.2. Justificativa	1
1.3. Metodologia	2
1.3.1. Entrevista	2
1.3.2. Informante	3
1.3.3. Procedimento	4
1.3.3.1. Texto e Divisão em Unidades	5
1.3.3.2. Expansão	6
1.3.3.3. Pistas Paralingüísticas e Lingüísti cas	6
1.3.3.4. Proposições	7
1.3.3.5. Interação	8
1.3.3.6. Campos de Discurso	11
1.3.3.7. A Estrutura Global da Narrativa ...	12
NOTAS	17
2. ANÁLISE DO TEXTO	19
2.1. Episódio Um	19
2.2. Episódio Dois	28
2.3. Episódio Três	55
2.4. Episódio Quatro	61
NOTAS	75
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	76

4. ANEXOS	84
Anexo 1 - Convenções	85
Anexo 2 - O Texto dos Quatro Episódios	89
BIBLIOGRAFIA	97

RESUMO

O objetivo deste estudo está centrado na investigação da estrutura global da narrativa, do espaço que ocupa em relação a outros atos de fala e de sua função na entrevista terapêutica como uma forma de interação verbal.

Para análise dos elementos estruturais da narrativa, utilizou-se o modelo concebido por William Labov, em 1972, e para a análise da narrativa inserida na entrevista, utilizou-se o modelo proposto por William Labov e David Fanshel, em 1977.

Foram analisadas narrativas de experiência pessoal e demais atos de fala presentes na transcrição dos sete minutos iniciais de uma primeira entrevista terapêutica.

Este estudo possibilitou uma contribuição para a compreensão da estrutura global da narrativa na entrevista terapêutica, no sentido de que ela se faz presente como um ato de fala central nesse tipo de entrevista.

ABSTRACT

This dissertation intends to investigate the structure and function of the narrative in therapeutic discourse, and its role in relationship to the other speech acts which occur within the therapeutic interview.

We have followed William Labov's Model to discuss the narrative structure, and David Fanshel's Model to discuss its placement and function within the therapeutic interview.

We have examined the narratives of personal experience and the other speech acts that occurred in the first seven Minutes of a first therapeutic interview.

This study has shown that the narrative has a major and important role in therapeutic discourse.

1. INTRODUÇÃO

1.1. O Problema

O presente trabalho tem por objetivos analisar a estrutura básica da narrativa e seus elementos estruturais na entrevista terapêutica, delimitar o espaço e identificar a função básica que ela ocupa em relação a outros atos de fala presentes na entrevista terapêutica.

1.2. Justificativa

Nosso estudo da entrevista terapêutica fôï motivado pelo interesse em ampliar o conhecimento sobre o que ocorre na conversação; que sistema organizado ou que regras presidem a atualização dos atos de fala; que regras de interpretação e produção relacionam o discurso com ações sentidas e realizadas. O que realmente acontece na entrevista terapêutica?

Em nossa prática psicanalítica, é comum em muitas entrevistas o paciente começar com uma narrativa sobre eventos de

sua biografia, material básico para o trabalho terapêutico.¹ A inexistência de estudo da estrutura da narrativa na entrevista terapêutica em Português determina o interesse em investigar esse campo. Esperamos que este estudo seja de importância para se compreender o que acontece na entrevista terapêutica.

1.3. Metodologia

1.3.1. Entrevista

Definimos entrevista terapêutica como um evento de discurso, uma forma de comportamento delimitada por *sets* bem definidos de comportamentos esperados dentro daqueles limites.²

Na entrevista terapêutica, a relação entre analista e paciente delimita e determina o campo da entrevista e tudo o que nela acontece. Em nossa prática, o campo da relação interpessoal é predominantemente estabelecido e configurado pelo paciente. O campo da entrevista é dinâmico pelo fato de estar sujeito a uma permanente mudança, e a observação se deve estender do campo específico existente em cada momento à continuidade e sentido dessas mudanças. A entrevista aberta, utilizada em nossa prática, define-se por uma flexibilidade em permitir que o paciente configure o campo da entrevista, segundo sua estrutura psicológica particular.³ A informante (paciente) tem o direito ao discurso e a analista só interage para desencadear a narrativa.

Lacan (1978:112) assevera:

"Que ela se pretenda agente da cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise só tem um meio: a fala do paciente. A evidência do fato não des-

culpa que se o negligencie. Ora, toda fala chama resposta.

Mostraremos que não há fala sem resposta, mesmo se ela encontra apenas o silêncio, com a condição de que ela tenha um ouvinte, e que este é o âmago de sua função na análise."

Na prática psicanalítica, a entrevista é o campo em que o analista pode se utilizar da técnica de ouvir e interpretar a demanda de análise.⁴ Normalmente, essa demanda se apresenta como uma restituição de um saber — não referencial — que falta para aliviar o que a pessoa sofre.⁵ Freud (1969:165), em seu artigo "Sobre o início do tratamento" nos diz que:

"... tornei hábito meu, quando conheço pouco sobre um paciente, só aceitá-lo a princípio provisoriamente, por um período de uma ou duas semanas. Se se interrompe o tratamento dentro deste período, poupa-se ao paciente a impressão aflitiva de uma tentativa de cura que falhou. Esteve-se apenas empreendendo uma 'sondagem', a fim de conhecer o caso e decidir se ele é apropriado para a psicanálise. Nenhum outro tipo de exame preliminar, exceto este procedimento, encontra-se à nossa disposição; os mais extensos debates e questionamentos, em consultas comuns, não lhe ofereciam substituto. Esse experimento, preliminar, contudo, é, ele próprio, o início de uma psicanálise e deve conformar-se às regras desta. Pode-se talvez fazer a distinção de que, nele, deixa-se o paciente falar quase todo o tempo e não se explica nada mais do que o absolutamente necessário para fazê-lo prosseguir no que está dizendo."

1.3.2. Informante

Kris, a informante (paciente) da entrevista terapêutica e cuja fala é analisada neste trabalho, é uma estudante que tinha 16 anos, em 1985, pertencente à classe média e residente em Florianópolis. Ela foi encaminhada ao Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) do Departamento de Psicologia do Centro

de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina pelo Serviço de Assistência Social de um órgão público estadual. O encaminhamento foi motivado pelas dificuldades emocionais que Kris passou a apresentar em decorrência de eventos traumáticos que teria experienciado e que serão relatados posteriormente.

1.3.3. Procedimento

Foram realizadas e gravadas, com permissão da informante, duas entrevistas terapêuticas em uma das salas do Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 1985, na cidade de Florianópolis.

Utilizou-se um Gravador Kasuga KG-776 FS e fitas Magnéticas Scott Dynarange com duração de 60 minutos.

As entrevistas foram transcritas, seguindo os padrões ortográficos normais, com exceção de alguns detalhes da pontuação que são explicados nas convenções em anexo.

Transcritas as gravações, procedeu-se à análise dos primeiros sete minutos da primeira entrevista terapêutica, baseando-se no modelo de análise do discurso terapêutico desenvolvido por William Labov e David Fanshel (1977). Para a análise da estrutura global da narrativa utilizou-se, também, o modelo de William Labov (1972). Ambos os modelos serão expostos no decorrer da análise.

1.3.3.1. Texto e Divisão em Unidades

O texto foi dividido em unidades suficientemente manejáveis para serem submetidas à análise, conforme o modelo de Labov e Fanshel (1977).

Chamamos de texto o conjunto de enunciados submetidos à análise. A esse respeito, Lavandera (1985:25) assevera que:

"Analisar necessariamente implica em dividir(...). Ao classificar e separar distintos tipos de traços, sente-se que, de algum modo, se está perdendo o que faz o texto. E efetivamente é assim. Porém, essa é a tarefa analítica (...) a função do analista é separar, segmentar tudo e voltar a reuni-la em relações que são novas, em se tomando consciência delas. Encontrar estas novas relações é a tarefa da análise do discurso em contexto."

Como Labov e Fanshel (1977) dividimos o texto em unidades maiores — episódios — assim discriminados:

Episódio 1: Kris inicia a entrevista com uma conclusão — "que depois que aconteceu tudo isso — para mim está sendo difícil" — aproximando a analista do tema que vai narrar.

Episódio 2: Em resposta ao pedido da analista — "E o que foi que te aconteceu?" — Kris começa narrar sua história.

Episódio 3: Kris narra sua atual dificuldade emocional.

Episódio 4: Kris responde ao pedido da analista — "como foi que aconteceu?" — com uma narrativa em que retoma o tema do episódio 2.

A mudança de episódios obedeceu aos critérios: troca de turno de fala e mudança do tópico da conversação.⁶

Os episódios foram divididos em unidades menores para fins de expansão e análise da interação, conforme modelo de Labov e Fanshel (1977).⁷

O texto, como um todo, encontra-se no anexo 2.

1.3.3.2. Expansão

Para explicitar o que está sendo dito na entrevista, expandimos o significado textual do enunciado, introduzindo material factual necessário para dar conta da seqüência de enunciações que precedem e seguem o texto e que desempenham um papel importante na análise da interação. Recorremos também ao material das duas entrevistas realizadas com Kris para dar suporte à expansão dos enunciados analisados.

1.3.3.3. Pistas Paralingüísticas e Lingüísticas

Para interpretação dos componentes que não estão imediatamente disponíveis no contexto, embora tenham grande significação interacional, levamos em consideração pistas paralingüísticas e lingüísticas. Definimos essas pistas como componentes que quebram o fluxo do discurso e são mostradas numa seção separada à direita do texto. Alguns termos, presentes em Labov e Fanshel (1977)⁸ úteis à nossa análise, são sumariamente definidos como:

a) Pistas paralingüísticas

- auto interrupção, hesitação, reserva, silêncios —
representam formas de ruptura na fluência da fala;

- ênfase - representa aumento no volume de voz;
- riso - qualificador de voz;
- volume baixo - representa uma diminuição no volume da voz.

b) Pistas lingüísticas

- repetições - ocorrência do mesmo conjunto de palavras, duas ou mais vezes, recebendo a mesma interpretação semântica;
- alterações na estrutura sintática da oração - ausência de concordância verbal, apagamento do objeto, omissão de pronomes e verbos no discurso e alteração da ordem canônica sintática.

A maneira pela qual o texto e as pistas são combinadas é o que Labov e Fanshel (1977) denominam de modo de expressão.⁹

1.3.3.4. Proposições

Como Labov e Fanshel (1977) situamos na expansão uma série de proposições. Essas proposições podem ser definidas como comunicações recorrentes que se referem ao tema de que realmente se está falando. Elas representam o componente cognitivo das transações conversacionais e podem ser definidas, ainda, como aquilo a respeito do que estamos falando, ou o que realmente se está falando a respeito.

As proposições podem ser parte do conteúdo direto da conversação, ou podem ser referidas com vários graus de indireção. Elas podem ser gerais, aparecendo ao longo da entrevista,

ou específicas do evento a respeito do qual se está falando, explícitas ou implícitas.

A maneira pela qual as proposições estão relacionadas ao texto é chamado modo de argumento. No modo de argumento narrativo, podem ser encontradas proposições subjacentes uma vez que a narrativa pode ser vista como um ato de discurso único em que o significado interativo é determinado por mensagens avaliativas.¹⁰ As proposições que são recorrentes e identificadas em nossa análise estão nas convenções em anexo.

1.3.3.5. Interação

Na entrevista terapêutica, é importante analisar o que está sendo feito paralelamente ao que está sendo dito. Para chegar à análise final do significado da conversação, é preciso tratar com o plano de ações através da combinação do texto, pistas e proposições.

Labov e Fanshel (1977:59-60) definem interação como: "ação que afeta (altera ou mantém) as relações da própria pessoa com outros, na comunicação face a face".

Em nossa análise da interação, lidamos com os predicados principais que designam os atos de fala e sua relação com proposições. A estrutura hierárquica que relaciona os vários atos de fala na enunciação indica que a maioria das enunciações representam duas ou mais ações do discurso. As ações mais abstratas são interpretadas e identificadas através de outras. Assim, um pedido pode ser simultaneamente um desafio.¹¹

Um ato de fala é assinalado por Labov e Fanshel (1977:59)

como: "uma ação que é executada por meio do discurso (...) A ação é o que é PRETENDIDO naquilo que expressa o que o falante tencionava afetar o outro, movê-lo, fazê-lo responder, etc..." O falante utiliza-se de regras de produção e interpretação em sua realização. Estas regras são formais no que diz respeito ao uso de um vocabulário controlado e limitado em seus termos centrais — as ações de fala e suas pré-condições. As regras de produção e interpretação que se referem à narrativa e a pedidos foram aplicadas em nossa análise, conforme Labov e Fanshel (1977). Estes atos de fala são elementos centrais na conversação e são aqui sumariamente definidos:

. Narrativa — A narrativa, como um todo, é vista por Labov e Fanshel (1977) como um ato único de fala. O narrador visa a recapitular experiências passadas cuja significância interativa é determinada por mensagens avaliativas.¹² A reportabilidade dos fatos narrados desempenham papel crucial na interação.¹³

. Pedidos — Os pedidos são basicamente pedidos de uma ação. O falante demanda uma ação a ser desempenhada por outra pessoa. Em geral, há um caráter de obrigação nos pedidos.

A disposição dos elementos da língua realizada pelo falante determina diferentes tipos de pedidos: pedidos de ações, informação, confirmação. A escolha dos elementos da língua determinam, também, diferentes estratégias como mitigação, agravamento e desafios.¹⁴

. Mitigação — Essa dimensão interativa leva em consideração o desejo do falante para mitigar ou modificar sua expressão — ou expressões — a fim de evitar um caráter ofensivo.

. Agravamento — A dimensão interativa de agravamento é

reforçar o caráter impositivo do pedido.¹⁵

. Desafios — A maior parte dos pedidos são utilizados para atingir outras finalidades que afetam as relações sociais e emocionais das pessoas envolvidas. Num nível agravante de significação interativa, os pedidos são interpretados como desafios. Frequentemente, um desafio questiona uma proposição apoiada no status de outra pessoa e que, se verdadeira, a proposição iria rebaixar o status da outra pessoa.¹⁶ Definimos status como a posição de uma pessoa na estrutura social, a qual inclui um conjunto de direitos e obrigações.¹⁷

Os demais termos interacionais que descrevem os atos de fala encontrados em nossa análise e que estão representados nos quadros de expansão e interação são: iniciar, informar, afirmar, interromper, continuar, responder, finalizar, avaliar e orientar. Estes atos de fala são identificados intuitivamente.¹⁸ Regras formais são dispensáveis para a sua interpretação porque são atos de fala realizados automaticamente pelos falantes e ouvintes.¹⁹

Labov e Fanshel (1977) observam que o modo de interação reflete a que extensão o falante utiliza as regras de produção e interpretação do discurso. As ações são indicadas nos quadros de interação por um símbolo proposicional contido numa seta. Uma seta apontando para a direita indica que uma resposta é requerida, e uma seta apontando para a esquerda indica que esta ação é uma resposta para uma ação prévia.

As setas representam os procedimentos e os símbolos dentro delas, as proposições, tanto gerais como específicas, limitadas a um determinado episódio. Uma proposição pode ser afirmada ou referida; neste caso ela aparece dentro da seta sem nenhuma qualificação. Ela pode ser questionada e, neste ca

so, aparece precedida de um ponto de interrogação e, quando negada ou um pedido recusado, aparece precedida de um sinal de negações representadas, conforme convenções em anexo.²⁰

1.3.3.6. Campos de Discurso

Definimos discurso como ocorrência comunicativa.²¹ De acordo com Labov e Fanshel (1977) "As contradições e pressões que existem na situação terapêutica são responsáveis pela criação de campos distintos do discurso dentro da sessão terapêutica". Estes campos de discurso são representados por três estilos: estilo de entrevista, estilo informal e estilo de família.

Os autores asseveram que a característica mais importante do estilo de entrevista é o tópico aberto em que as emoções e comportamentos são avaliados como objetos em si. Neste estilo as emoções não são expressas, mas fala-se sobre elas. Já o estilo informal é reconhecido como estilo coloquial, neutro e objetivo em que o falante relata os eventos dos dias precedentes. Labov e Fanshel consideram o estilo narrativo como uma subvariedade do estilo informal. Em nossa análise só encontramos esta subvariedade do estilo informal.

Um terceiro tipo — o estilo de família — é, segundo Labov e Fanshel, aquele que expressa emoções fortes que ocorrem no contexto familiar.²² Em nossa entrevista não encontramos este estilo. As emoções fortes foram expressas em sua maiorias nas seções de avaliação das narrativas. Segundo Labov e Fanshel (1977:42) "... narrativas possuem suas próprias organizações internas e isto será útil para demonstrar como a estrutura da

narrativa determina a colocação de fragmentos de estilo de família como recursos avaliativos". Esta é a razão de denominarmos em nossa análise este estilo como — estilo avaliativo. Os campos de discurso estão identificados nos textos, conforme convenções em anexo.

1.3.3.7. A Estrutura Global da Narrativa

Labov e Fanshel consideram que a narrativa como um todo pode ser vista como um ato de fala único. A narrativa é assim definida por Labov (1972:359-360) "um método de recapitulação de experiências passadas, combinando uma seqüência verbal de orações na seqüência que (segundo se infere) ocorreram efetivamente. Segundo Labov (1972:363) uma narrativa totalmente formada compreende os seguintes elementos:

1. Sinopse
2. Orientação
3. Ação complicadora
4. Avaliação
5. Resultado ou Resolução
6. Coda.

. Sinopse

A sinopse resume a história, ou seja, ela apresenta os eventos mais salientes numa forma resumida. Segundo Labov e Fanshel (1977:105) a sinopse "freqüentemente é uma afirmação de uma proposição geral que uma narrativa exemplificará. Isso em si mesmo pode dar ao ouvinte suficiente aviso que está para começar uma narrativa".

. Orientação

A orientação, segundo Labov, é a parte da narrativa que identifica para o ouvinte o tempo, o lugar, as pessoas e a situação. Isso pode ser feito no curso das primeiras orações narrativas, no entanto, mais comumente existe uma seção de orientação composta de orações livres.²³

. Ações Complicadora

A ação complicadora consiste numa seqüência de orações narrativas que são temporariamente ordenadas. Labov e Fanshel (1977:107) observam que

"Uma vez que o ouvinte sabe que uma narrativa está sendo feita, ele automaticamente aplicará a regra básica da narrativa. A estrutura fundamental depende do uso das orações narrativas que têm como seus verbos principais formas de pretérito ou presente, isto é, verbos referindo a real ocorrência de ações que poderiam ser separadas em tempo de outras ações. A estrutura da narrativa está estabelecida pela presença de 'junturas temporais' entre as orações narrativas. Se a ordem das orações é invertida, então a interpretação da seqüência dos eventos originais também seria mudada."

As orações narrativas foram identificadas em nossa análise, segundo o critério de Deborah Schiffrin (1981) conforme convenções em anexo.

. Avaliação

A avaliação se dá com orações não-narrativas que comentam sobre as orações narrativas, porém não fazem avançar a narrativa.

Labov (1972:366) denomina avaliação da narrativa "os meios utilizados pelo narrador para indicar o ponto de vista da nar-

rativa, sua razão de ser; porque ela foi dita e onde o narrador está querendo chegar". Ainda segundo o autor, a avaliação da narrativa pode ser considerada uma estrutura secundária que pode se concentrar em uma seção de avaliação, mas podendo estar presente em várias formas ao longo de toda a narrativa.

Os encaixamentos da avaliação no corpo da narrativa podem ser de avaliação interna e avaliação externa. A avaliação interna corresponde ao discurso direto em que o narrador atribui o comentário avaliativo a si mesmo, ou introduzindo uma terceira pessoa que avalia as ações do protagonista. A avaliação externa corresponde ao discurso indireto em que o narrador se dirige ao ouvinte fora da narrativa atribuindo um comentário que não se refere a um evento que ocorreu, mas sim a um evento que poderia ter ocorrido. É assim que os futuros, as negativas, os modais e os comparadores entram na estrutura narrativa. Outros dispositivos de avaliação agrupam várias ações e comportamentos, utilizando participípios e outros verbos não-finitos com o efeito de suspender a ação da narrativa.

Labov (1972:373) acrescenta que "um passo além na dramatização da avaliação de uma narrativa consiste em contar o que as pessoas fizeram e não o que disseram". Isto caracteriza-se como ação avaliativa que revela a tensão dos protagonistas.

Os dispositivos avaliativos nos dizem porque os eventos de uma narrativa são reportáveis. Podemos dizer que a reportabilidade é o atributo do que é narrável, de acordo com os valores culturais de cada povo e a adequação às situações de fala. Segundo Labov (1981:228) "a reportabilidade de uma narrativa é equivalente a do evento de máxima reportabilidade".

. Resolução e Coda

A resolução desempenha a função de indicar o final da ação complicadora — uma vez que responde à pergunta "o que aconteceu".

A coda parece apresentar uma função mais geral — indica que o fim da narrativa foi atingido, faz o ouvinte retornar ao tempo presente dando a ele uma sensação de satisfação de que tudo foi devidamente relatado. Uma coda é opcional, porém, em geral, está presente.

Segundo Labov (1972:364) a coda "é uma das muitas opções abertas para o narrador assinalar que a narrativa está fechada e terminou".

A narrativa abaixo dividida nas várias estruturas ilustra a utilização do modelo de análise de Labov (1972) e de Schifffrin (1981)

Domingo eu fui para a casa do irmão dele	}	
comecei a... assim a		
estava todo mundo reunido assim tá -		
Aí eu fiquei lá no portão só esperando ele.		Orientação
Sabia que estava morto] Avaliação externa
esperando ele, esperando ele] Avaliação interna
Chegar de moto, falar comigo		
Só faltava ele, estava todo mundo reunido.]		Orientação
Só falata ele, fiquei esperando, esperando ele]		Avaliação interna
A. Quando eu estava no portão] Orientação
eles começaram: "ele morreu, ele morreu".		
B. Aí entrei,] Orientação	
C. comecei chorar,		
D. comecei a tomar, tomar, tomar,		
misturar bebida.		
E. Aí comecei a desmaiar me sentir mal.	Ação Complicadora	
F. Me levaram para o hospital....] Orientação	
Fiquei no hospital continuou tudo.] Orientação avaliação	
G. Tomei remédio		
estava fazendo tratamento] Avaliação	
H. Tomei remédio tudo numa vez só.		
Agora tem que fazer tratamento de novo.] Coda	

NOTAS

- ¹A autora é psicóloga, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Psicanalista, Membro fundador da Maiêutica Florianópolis - Instituição Psicanalítica.
- ²Cf. Labov e Fanshel, 1977:30.
Preferimos traduzir as referências estrangeiras para facilitar a legibilidade da nossa análise.
- ³Cf. Bleger, 1971:9-16.
- ⁴Observe-se que Kris (informante-paciente) não fez demanda de análise nas duas entrevistas realizadas.
- ⁵Cf. Forbes, 1985:53.
- ⁶Labov e Fanshel (1977:38) observam que a divisão em episódios está baseada em mudanças de posição radicais no tópico aberto ou referência na conversação.
- ⁷Labov e Fanshel (1977:38) observam que a divisão dos episódios em unidades menores é meramente uma conveniência para dirigir a atenção do leitor a pontos particulares.
- ⁸Labov e Fanshel (1977:42-49) se referem a pistas paralingüísticas como variação de tom, volume, qualificadores de voz (respiração, glotalização, suspiros), influências dialetais especiais de Yddish, implicações fortes, etc. que acompanham palavras, fonemas e sentenças do discurso. Estas pistas foram analisadas com auxílio de aparelhos de medição. Ressaltamos que não adotamos esse procedimento, pois identificamos as pistas sem o uso de aparelhos de medição.
- ⁹Cf. Labov e Fanshel, 1977:48.
- ¹⁰Cf. Labov e Fanshel, 1977:51-58.
- ¹¹Cf. Labov e Fanshel, 1977:60.
- ¹²Cf. Labov e Fanshel, 1977:58.
- ¹³Cf. Labov, 1981:228.
- ¹⁴Cf. Labov e Fanshel, 1977:63.
- ¹⁵Cf. Labov e Fanshel, 1977:84.
- ¹⁶Cf. Labov e Fanshel, 1977:64.

¹⁷Cf. Labov e Fanshel, 1977:96.

¹⁸Cf. Labov e Fanshel, 1977:61.

¹⁹Cf. Labov e Fanshel, 1977:70.

²⁰Cf. Labov e Fanshel, 1977:65-67.

²¹Cf. Beaugrande e Dressler, 1982:49.

²²Cf. Labov e Fanshel, 1977:35-36.

²³Cf. Labov, 1972:364.

2. ANÁLISE DO TEXTO

Nós vamos aplicar agora os modelos de análise citados em nossa metodologia.

2.1. Episódio Um

Consideramos o episódio um como uma apresentação inicial das dificuldades emocionais em que a informante se encontra depois que determinados acontecimentos lhe ocorreram, finalizando com um pedido de informação da analista que determina a direção do discurso da paciente. Os episódios que seguem respondem a este pedido de informação.

2.1.1 Texto

Pistas

[a] Kris < _{Ee} ..XX.. que depois que aconteceu
tudo isso -

volume baixo
auto-interrupção

[b] para mim está sendo DIFÍCIL. > _{Ee}

ênfase

Expansão

[a], [b] Kris < _{Ee} circunstâncias externas {X:EXTERN} aconteceram comigo as quais eu ainda não narrei para você, e depois que aconteceu tudo isso para mim está sendo difícil {Kris-DE}.

Interação

[a], [b] Kris inicia a entrevista informando a analista sobre circunstâncias externas $\langle X:EXTERN \rangle$ que a estão fazendo sentir dificuldade emocional $\langle Kris-DE \rangle$.

Analisando o texto, encontramos pistas paralingüísticas como volume baixo, auto-interrupção e ênfase. O conjunto destas pistas paralingüísticas expressa as dificuldades emocionais de Kris. O volume baixo é uma constante na fala de Kris com exceção de ênfases que contrastam este traço em alguns momentos. Durante a entrevista, a paciente contará uma história que é difícil para qualquer narrador manejar, e sua dificuldade em narrar se evidencia na forma elíptica resumitiva 'tudo isso'. As regras de elipse localizam nas elocuições subsequentes as informações necessárias para reconstruir a forma elíptica como uma sentença completa com sua interpretação semântica expandida. Para sabermos qual é o referente da expressão 'tudo isso', é necessário avançarmos na leitura expandindo o âmbito de nossas interpretações para incluirmos todo o processo analítico. Com esse quantificador Kris intensifica a importância dos

eventos que lhe ocorreram aos quais se reportará no decorrer da entrevista.

Vamos seguir agora, expandindo o texto com suas proposições incrustadas, analisando os elementos interacionais e a seqüência dos eventos do discurso que foram realizados em estilo de entrevista ao longo de todo o episódio.

Labov & Fanshel (1977:105) dizem que:

"Uma das maneiras mais comuns de introduzir a narrativa é afirmar a proposição geral que a narrativa tem a intenção de ilustrar. Esta é, às vezes, uma proposição abstrata desempenhando um papel importante na conversação."

Em nossa expansão observamos que Kris inicia a entrevista com a proposição geral e abstrata — circunstâncias externas são responsáveis pela minha dificuldade — representada por {X:EXTERN}. Com essa proposição Kris assegura a atenção da analista para eventos que ocorreram com ela e aos quais ela se reporta na primeira narrativa.

A informante segue o seu discurso afirmando que:

2.1.1 [b] para mim está sendo difícil.

Para Labov & Fanshel (1977:105):

"A proposição que muitas narrativas representam é geralmente uma proposição afetiva... Um fato central sobre todas essas proposições afetivas é que elas giram em torno de um conceito social de Reportabilidade (alguma coisa que é interessante relatar)."

Com 2.1.1 [b] Kris faz uma avaliação sobre a proposição geral, afirmando que os eventos que lhe aconteceram estão lhe causando dificuldades emocionais {Kris-DE}. Desta avaliação infere-se que os eventos não são eventos comuns e isso em si

mesmo garante a atenção da analista.

Aqui, a narrativa é introduzida por uma estrutura que nós chamamos de Sinopse. Ela, freqüentemente, é uma afirmação de uma proposição geral que a narrativa exemplificará. Este recurso, geralmente, indica ao ouvinte que está para começar uma narrativa como no caso discutido acima — 2.1.1 [a] ..XX.. que depois que aconteceu tudo isso. A sinopse, freqüentemente, envolve uma referência que é esclarecida somente pela narrativa que vai seguir de maneira que 'depois' e 'tudo isso' são substitutos ou pró-formas que se referem a algo que vai seguir, conforme a Regra de Referência (Labov & Fanshel, 1977:106).

Regra de Referência

Se A faz uma proposição geral sobre um evento particular usando pró-formas não especificadas, B interpretará qualquer referência posterior sobre um acontecimento anterior como o sujeito de uma proposição geral.

A afirmação interacional em 2.1.1 [a] e [b] está enfocada sobre a proposição geral {X:EXTERN} que são responsáveis por suas dificuldades emocionais. O uso da forma indefinida 'tudo isso' é um protocolo de aproximação ao tema, ao mesmo tempo que conclui sobre o seu estado atual construindo a coda da sua estória.

2.1.2 Texto

Pistas

- [a] Kris <_{Ee} eu estou indo de psicólogo em psicólogo repetições
 mas - eu me sinto bem com elas, converso com elas auto-interrupção
- [b] mas depois quando saio de lá continuo a mesma. repetições
 Fico abafada com tudo aqui.
- [c] Agora eu tenho um diário.
 Escrevo tudo o que aconteceu, estou escrevendo tudo.
- [d] Eu não consigo assim desabafar assim,
 com ninguém, entende?>_{Ee}

Expansão

Kris <_{Ee} Depois que aconteceu tudo isso {X:EXTERN} — circuns-
 tâncias externas — e que me fizeram sentir dificuldades emo-
 cionais eu estou indo de psicólogo em psicólogo. Converso com
 elas, me faz bem, mas quando saio do consultório continuo a
 mesma, porque não consigo desabafar minhas dificuldades com
 ninguém. Então, eu escrevo tudo o que aconteceu num diário. Eu
 registro tudo o que me acontece porque tenho dificuldade em
 me comunicar com os outros.>_{Ee}

Interação

Kris informa a analista sobre como está lidando com as suas
 dificuldades emocionais < Kris-DE > conseqüentes do que lhe
 aconteceu < X:EXTERN > .

Neste texto, o modo de expressão de Kris é marcado com
 algumas repetições como 'de psicólogo em psicólogo'; 'com elas',
 'com elas'. O enfoque interacional está na maneira de Kris
 lidar com suas emoções. Os itens 'assim' e 'entende' parecem
 funcionar como um enchimento, itens que preenchem o canal de
 comunicação, enquanto o falante decide como continuar. Servem
 como manifestação de interação lingüística.

2.1.3 Texto

Pistas

[a] Kris < _{Ee} O que aconteceu foi uma coisa assim -	auto-interrupção
[b] fiquei quase -	auto-interrupção
[c] eu ia, eu ia com ele, saia.	repetições
[d] A gente não saía da casa dele. > _{Ee}	reparos

Expansão

Kris < _{Ee} O que aconteceu {X:EXTERN} foi uma coisa assim. Fiquei quase. Eu saí com o meu namorado. Nós saímos da casa dele. > _{Ee}

Interação

Kris repete a tentativa de elaborar um resumo do que lhe aconteceu X:ETERN .

O texto é marcado por auto-interrupções, repetições, como 'eu ia, eu ia'; reparos, como 'eu ia, eu ia com ele, saia' e reserva, 'fiquei quase -'. O uso de elementos anafóricos que se referem a fatos não declarados, como '- assim', 'quase -' continuarão obscuros até completarmos nossa análise. O movimento interacional é semelhante ao que ocorre em 2.1.1.

Kris tenta novamente iniciar a narrativa.

2.1.4 Texto

Pistas

[a] Kris <_{Ee} Mas eu não conhecia a VIDA
como era lá fora entende?

ênfase

[b] Agora não, eu conheço tudo.

Eu sei como as pessoas são.

Eu sei tudo entende? É isso aí.

repetições

[c] Eu era medrosa agora não sou mais.

Então nada mais me assusta, nada.>_{Ee}

repetições

Expansão

Kris <_{Ee} Mas antes do que {X:EXTERN} aconteceu comigo eu não conhecia a vida fora da minha casa. Agora eu conheço tudo. Eu sei como as pessoas são. Eu era medrosa {Kris-El} agora não sou mais {Kris-El}. Depois do que me aconteceu, nada me assusta.

Interação

Kris afirma que não conhecia a vida como era antes de que X:EXTERN acontecessem e interpreta que agora conhece e sabe tudo sobre a vida e as pessoas e que após X:EXTERN ela não sente medo Kris-El, então, nada mais a assusta.

A fala apresenta-se, com repetições, como 'eu sei(...) eu sei', e 'nada' (...) 'nada' e com redundâncias. A ênfase na palavra vida com elevação significativa da voz tenderia naturalmente a conter o acento frasal proeminente por tratar-se de informação nova. Os comparadores entre diferentes experiências cognitivas e emocionais enfatizam a percepção de Kris frente à vida contrastando com a percepção anterior ao evento traumático, como em 'Mas eu não conhecia a VIDA'... 'Agora não eu conheço tudo'... e 'Eu era medrosa agora não sou mais'...

A interação trata da afirmação comparativa dos eventos da biografia de Kris.

2.1.5 Texto

Pistas

A. < _{Ee} E o que foi que te aconteceu? > _{Ee} -

Expansão

A. < _{Ee} E quais foram as {X:EXTERN} circunstâncias externas que lhe aconteceram? > _{Ee}

Interação

A analista faz um pedido de informação sobre X:EXTERN circunstâncias externas que aconteceram a Kris.

Neste episódio, Kris introduz a proposição geral {X:EXTERN} de que circunstâncias externas são responsáveis pelo seu atual estado emocional, motivo pelo qual busca análise. Ela faz uma declaração anunciando que o evento de discurso que vai seguir é uma narrativa. Ela suscita da analista um pedido para que fale, e a analista intervém pela primeira vez, com um pedido de informação, conforme regra Labov e Fanshel (1977:89).

Pedido de Informação

Se A se dirige a B no imperativo, pedindo informação I, ou no interrogativo focalizando em I, e B não acredita que A acredita que:

- a. A tem I
- b. B não tem I

então, A é entendido como fazendo um pedido válido de informação.

2.2. Episódio Dois

No fim do episódio um, a analista toma o turno de fala com um pedido de informação. Kris responde com uma narrativa. Este é o ponto de partida para o episódio dois.

Na entrevista de Kris, a narrativa desempenha um papel integrado na conversação como ato de fala em resposta ao pedido de informação da analista. A narrativa traz consigo sua própria justificativa por se referir a eventos de máxima reportabilidade. Labov (1981) diz que a reportabilidade de uma narrativa é equivalente à do evento de máxima reportabilidade dela.¹

Kris reconhece o pedido e responde com uma longa narrativa (pelos padrões de Labov) deixando, logo de início, claro que os eventos narrativos fornecerão uma resposta para esse pedido.² A regra de resposta narrativa opera aqui como em Labov e Fanshel (1977:109).

Regra de Resposta Narrativa

Se A faz um pedido de informação a B e B imediatamente começa uma narrativa, então B é entendido como afirmando que o ponto avaliativo da narrativa vai suprir a informação pedida.

2.2.1 Texto

Pistas

- [a] Kris <_N Você sabe desse caso que houve, né, de - auto-interrupção
- [b] Desses quatro que..... dos quatro que..... repetição, silêncio e hesitação
- [c] pegaram o meu namorado
- [d] e mataram
- [e] deram dois tiros... silêncio
- [f] e eu levaram... >_N topicalização

Expansão

Kris <_N Eu parto do pressuposto de que você deveria saber de que {X:EXTERN} circunstâncias externas ocorreram comigo, eu começo a narrar os eventos que foram provocados por {BAN-MAT-PE} esses quatro bandidos que pegaram o meu namorado e mataram com dois tiros e me levaram. Estas são as circunstâncias externas causadoras da {Kris-DE} minha dificuldade emocional.> _N

Interação

- [a], [b] Kris pressupõe que a analista sabe das circunstâncias externas X:EXTERN que lhe ocorreram.
- [c], [d], [e] e [f] Kris inicia a narrativa com uma sinopse, dando orientação sobre o número de participantes e eventos narrativos BAN-MAT-PE; deste modo, responde ao pedido de informação da analista sobre quais as X:EXTERN que a levaram a ter Kris-DE dificuldades emocionais.

No texto 2.2.1, Kris relata pela primeira vez os eventos traumáticos causadores de sua atual dificuldade emocional e introduz a proposição geral {BAN-MAT-PE} bandidos matam pessoas. O significado do texto é explícito no modo de expressão de Kris, embora nas pistas paralingüísticas encontramos volume baixo; auto-interrupção; como em, 'Você sabe desse caso que

houve, né de -'; hesitação, e repetições como em 'Desses quatro que..... dos quatro que.....'; e topicalização 'e eu levaram' em que o objeto é deslocado para o lugar do sujeito. Kris, polariza a si mesma colocando-se como sujeito, participante ativa. Esta alteração sintática é um possível indicador do envolvimento emocional de Kris.

Na interação está presente a afirmação de uma pressuposição de Kris sobre o conhecimento que a analista poderia ter sobre o caso no qual Kris esteve envolvida. Esta pressuposição parte do princípio de que a analista tem conhecimento desse caso devido à sua divulgação pelos órgãos de imprensa locais.

Em termos de nossa análise da narrativa, Kris inicia com uma sinopse. Do ponto de vista estrutural podemos considerar esta sinopse como bem formada, porque responde à pergunta que lhe é pertinente: de que isso se trata? A sinopse sumariza o aspecto central da real ocorrência dos fatos da história de Kris e traz consigo orientação sobre esses fatos. Kris faz a apresentação das pessoas envolvidas e do comportamento característico da situação que é marcada pela violência. A expectativa característica da seção de orientação — quem, quando, o quê — é respondida parcialmente. O lugar e particularmente o tempo estão faltando porque os argumentos básicos (associados aos verbos transitivos (pegar, matar, dar tiros e levar) são agente e paciente. Esta análise baseia-se na regra para orientação narrativa (Labov e Fanshel, 1977:106).

Regra para Orientação

Se A faz referência a um evento que ocorreu antes do tem-

po de falar, o qual não pode ser interpretado por uma regra de discurso como um ato de fala completo em si mesmo, então, B entenderá esta referência com uma orientação de que uma narrativa vai seguir.

2.2.2 Texto

Pistas

- A [a] Kris <_N eles mataram ele
 B [b] e disseram que eu também ia morrer.
 C [c] Aí depois que eu vi ele com os tiros
 eu falei para eles: "quero morrer".>_N
 [d] <_{Ea} Que eu queria morrer com ele né
 [e] mas eles não quiseram me atirar.>_{Ea}

Topicalização pronominal

Expansão

Kris <_N Os bandidos {BAN-MAT-PE} mataram o meu namorado e disseram que também iriam me matar. Depois que eu vi o meu namorado com os tiros, eu falei para os bandidos que eu também queria morrer {1} com meu namorado. Mas os bandidos não quiseram atirar em mim.>_N

Interação

Kris narra e faz um pedido para que BAN-MAT-PE os bandidos a matem 1. Afirma que os bandidos não quiseram atirar nela. Deste modo, não atendem o pedido e não cumprem e ameaça de que ela também seria morta.

Kris mostra características de fala espontânea e direta com topicalização pronominal, como em 2.2.2 [e] 'mas elas não quiseram me atirar'. O objeto indireto foi deslocado para o lugar de sujeito que poderíamos inferir como uma tentativa de Kris se manter como agente da ação.

O movimento seqüencial das orações narrativas A, B e C é coerente no tempo, porque qualquer alteração na seqüência em que foram dispostas na narrativa comprometeria a lógica da seqüência original dos acontecimentos. Tal fato define a seqüên-

cia narrativa, constitui a ação complicadora essencial para reconhecemos uma narrativa e obedece à regra fundamental de interpretação (Labov e Fanshel, 1977:109).

Regra de Sequência Narrativa

Numa narrativa, se A se refere a um evento como sentença S_1 que tem um verbo principal não estático no tempo pretérito (ou presente) e depois se refere a outro evento como uma sentença S_2 da mesma estrutura, então, B ouvirá A como afirmando que o evento referido por S_1 ocorreu antes do evento referido por S_2 .

As formas verbais — 'mataram', 'disseram', 'vi' e 'falei' — marcadas no pretérito perfeito do indicativo — são características das orações narrativas usadas para recapitular as experiências passadas.

Kris usa outros meios para recapitular suas experiências e que não se constituem como ação complicadora. Um dos meios utilizados para indicar por que os eventos da sua narrativa são reportáveis é introduzindo uma seção de avaliação. A seção de avaliação que inicia com as orações [d] e [e] em 2.2.2 e que segue nos quadros 2.2.3 e 2.2.4 será analisada como um todo.

2.2.3 Texto

Pistas

[a] Kris < _{Ea} Eles pegavam o revólver

botavam na CABEÇA botavam

ênfase

em tudo quanto era lugar

repetições

[b] e diziam: "quero ver se tu

não tem medo de morrer, quero ver

repetições

se tu olhar para o lado é porque

tu quer morrer".> _{Ea}

Expansão

Kris < _N Os bandidos {BAN-MAT-PE} pegavam o revólver, botavam na minha cabeça e botavam em tudo quanto era lugar do meu corpo fazendo ameaças. Eles diziam que eu deveria olhar para o lado quando ameaçada pelo revólver pois estaria, deste modo, mostrando que {Kris - E₁} não estaria sentindo medo de morrer.

Interação

[a] Kris afirma que foi ameaçada com revólver pelos bandidos, deste modo, reafirmando a proposição $\langle \text{BAN-MAT-PE} \rangle$.

[b] Kris afirma que os bandidos desafiam a proposição $\langle ? 1 \rangle$. Eles pedem confirmação de que ela $\langle \text{Kris - E}_1 \rangle$ não sente medo de morrer, impondo deste modo, uma condição para atender seu pedido.

2.2.4 Texto

Pistas

[a] Kris <_{Ea} Eu olhava, ficava séria provocando.

[b] Eles estalavam o revólver e não diziam nada.

[c] Quando eles não atiravam
eu chamava eles de covarde.

reserva

[d] Eles davam tapa faziam..

[e] Eu respondia, eu gritava, berrava

[f] mas eles não queriam me matar.....> Ea

silêncio

Expansão

[a] Kris <_N Eu olhava para o lado, conforme a condição feita pelos {BAN-MAT-PE} bandidos. Ficava séria, provocando para mostrar que {Kris - E₁} não sentia medo e queria ser morta.

[b] Os bandidos faziam estalidos com o revólver e não diziam nada diante da minha provocação.

[c] Mas quando os bandidos não davam tiros em mim, não reagindo à minha provocação, eu continuava {Kris - PRO} provocando chamando-os de covarde.

[d] Contudo, quando eu chamava os bandidos de covarde eles reagiam dando-me tapas e faziam...

[e], [f] em resposta às agressões dos bandidos eu reagi {Kris-PRO} emocionalmente respondendo, gritando e berrando mas eles não queriam me atirar.

Interação

Kris relata que cumpre a condição feita pelos bandidos de olhar para o lado desafiando a proposição $\langle ?\text{BAN-MAT-PE} \rangle$ negando que $\langle \text{Kris} - E_1 \rangle$ tem medo de ser morta, reafirmando, deste modo, a proposição $\langle 1 \rangle$. Os bandidos não atendem ao pedido $\langle -1 \rangle$ de Kris. Ela continua intensificando sua provocação $\langle \text{Kris} - \text{PRO} \rangle$, deste modo recolocando $\langle 1 \rangle$. Os bandidos reagem ao desafio de Kris com violência física e Kris conclui que eles não queriam matá-la.

O modo de expressão nos textos 2.2.3 e 2.2.4 apresentam ênfase, como em CABEÇA; repetições, como em 'botavam', 'botavam'; 'quero ver', 'quero ver'; reserva, como 'Eles davam tapa faziam...' e silêncio.

A avaliação desta narrativa se concentra na seção da avaliação mas pode ser encontrada em várias formas no decorrer de toda a narrativa.

Labov e Fanshel (1977:108) dizem que talvez a técnica retórica mais importante seja demorar o movimento da narrativa a um determinado ponto pelo uso de orações não-narrativas que seguram o ouvinte suspenso num determinado ponto de tempo. Esse é o recurso usado por Kris para assinalar, novamente, que os eventos da narrativa são reportáveis e que vale a pena contar. Embora o movimento da narrativa apresenta-se rápido nas três primeiras sentenças que precedem a seção de avaliação, aqui a ação é suspensa e Kris responde ao pedido de informação do analista em 2.1.5 - 'e o que foi que te aconteceu?' - confirmando, deste modo, a regra de resposta narrativa.

A avaliação interna serve para que o falante dê mais ênfase a certas passagens do que a outras e pode ser encaixada de diferentes maneiras pelo narrador. Conforme Labov (1972:372) um segundo passo para a avaliação de encaixamento é ter-se o narrador citando a si mesmo como se estivesse se endereçando a outra pessoa. Kris cita a si mesma como se estivesse se endereçando aos bandidos em 2.2.2 C

C [c] 'Aí depois que eu vi ele com os tiros
eu falei para eles: "quero morrer".
Que eu queria morrer com ele né.'

Esta citação representa um dos poucos momentos de clímax, se

comparada às demais orações da seção de avaliação. O discurso direto, freqüente na narrativa, aumenta aqui o efeito de imediaticidade, permitindo ao falante representar a fala na sua forma original como se o evento estivesse ocorrendo no momento da narração.

Corvalán (1982:777) afirma que "as citações diretas aumentam a imediaticidade de uma elocução, permitindo ao narrador criar, nessa elocução, sua forma original, como se ela estivesse sendo dita no momento da fala".

A citação direta se constitui ainda em um pedido indireto de ação feito por Kris aos bandidos. Este pedido reafirma a proposição geral {BAN-MAT-PE} e coloca uma proposição local {1}- 'quero morrer'. A regra para pedido indireto de ação a-cha-se cumprida (Labov & Fanshel, 1977:83).

Regra para Pedido Indireto de Ação

Se A faz a B um pedido de informação ou uma afirmação para B sobre:

a - O status existencial de uma ação X para ser desempenhada por B.

b - As conseqüências de B desempenhar uma ação X.

c - O tempo T_1 que uma ação X pode ser desempenhada por B.

d - Quaisquer das pré-condições para um pedido válido para ação como foi dado na regra de pedidos.

E se todas as outras pré-condições vigoram, então A é ouvido como fazendo um pedido válido para B, para a ação X.

O pedido expressa o desejo de Kris (A) de ser morta pelos bandidos (B); os bandidos (B) têm habilidade e poder para desempenhar a ação, há adequação para o pedido porque ela não foi morta junto com o seu namorado.

Kris expressa o fracasso do seu pedido, fazendo uma avaliação externa em 2.2.2 [e]. 'Mas eles não quiseram me matar.....' Segundo Labov (1972:372):

"Há uma série de medidas intermediárias que proporcionam avaliação externa para a narrativa e que não quebram abertamente o fluxo das orações narrativas. A mais simples delas consiste em o narrador atribuir-se uma observação avaliativa naquele momento."

Kris atribui-se esta observação em 2.2.2 [e]. Observamos ainda que a avaliação externa inicia com a conjunção 'mas' cuja função avaliativa é justificar que não adiantavam seus esforços para também ser morta e comparar o comportamento dos assassinos em relação a ela e ao namorado. A negativa que acompanha a conjunção vem reforçar esta comparação.

Kris agora segue com a avaliação interna, contando em 2.2.3 [a] o que os bandidos fizeram em lugar do que disseram.

2.2.3 [a] 'Eles pegavam o revólver

botavam na CABEÇA

botavam em tudo quanto era lugar.'

Conforme Labov (1972:373) "um passo além na dramatização de avaliação de uma narrativa consiste em contar o que as pessoas fizeram e não o que elas disseram". Kris faz uso desse recurso avaliativo revelando a tensão dos bandidos no relacionamento ameaçador para com ela, conforme ela viveu. O dispositivo de repetição intensifica ainda mais a ação avaliativa.

Em 2.2.3 [b] Kris segue a avaliação em que se encontra o

desafio feito pelos bandidos à proposição local {1} de querer ser morta. Ao invés de desafiar o comportamento de uma pessoa a um determinado papel, freqüentemente encontramos um desafio a uma proposição que ela tenha afirmado³. Neste desafio os bandidos questionam o pedido de Kris e impõem uma condição para sua realização.

A regra de desafio à proposição é aplicada conforme Labov e Fanshel (1977:97).

Regra de Desafio a Proposição

Se A afirma uma proposição que é apoiada pelo status de A, e B questiona tal proposição, então B é ouvido como desafiando a competência de A naquele status.

O desafio aparece aqui sob a forma de um pedido de confirmação,

2.2.3 [b] e diziam: "quero ver se tu não tem medo de morrer, quero ver se tu olhar para o lado é porque tu quer morrer".

A Regra de Confirmação é aplicada, conforme Labov e Fanshel (1977:100).

Regra de Confirmação

Se A faz uma afirmação sobre os eventos de B, então A é entendido como fazendo um pedido de confirmação.

O evento B, que é afirmado pelos bandidos, é que Kris não tem medo de morrer. O pedido de confirmação é feito com a co-

locação de uma condição que, se for atendida, confirma que Kris não sente medo {Kris - E₁} de morrer e reafirma seu pedido em 2.2.2 [c].

Ela alcança o objetivo de prender a atenção da interlocutora em torno da atitude que tomaria em resposta ao desafio. Apesar deste desafio introduzir um modo interacional tenso, a avaliação de Kris, entretanto, carrega mais força dramática em 2.2.4. O texto de 2.2.4 expressa a reação de Kris ao desafio dos bandidos, ao se submeter à condição imposta por eles. Confirma-se que {Kris - E₁} não tem medo de morrer.

De acordo com Corvalán (1982:770):

"... a oração introduzida por 'quando' não se constitui num evento, estritamente falando, mas sim o pano de fundo ou a cena de um evento; resulta, daí, que a mudança ou retenção de tempo de verbo é, em princípio, diferente do fenômeno que ocorre em seqüências de orações narrativas.

As frases negativas também têm a função de atrair para si um pano de fundo cognitivo. Para Labov (1972:381) as orações negativas "proporcionam uma forma de se avaliar os eventos colocando-os contra o pano de fundo de outros eventos que poderiam ter ocorrido, mas que não ocorreram".

Diante da não-realização de sua expectativa, Kris reforça a sua provocação {Kris - PRO} com o atributo 'covarde' aos bandidos e com a ação intensificadora crescente — 'eu respondia', 'eu gritava', 'berrava' — e conclui para a analista com uma avaliação externa dizendo que, mesmo frente ao seu comportamento desafiante, os bandidos não quiseram matá-la.

O texto de 2.2.4 é fluente. Observamos, porém, na oração [d] 'eles davam tapa faziam'.. alguma reserva. Este é um dos

poucos momentos em que Kris se retrai durante a narrativa.

O modo interacional entre os protagonistas nesta seção de avaliação envolve os protagonistas numa trama de atos de fala que ocupa um espaço relevante na narrativa. Os atos de fala seguem esta seqüência: pedido indireto de ação, avaliação do pedido, pedido de confirmação com desafio simultâneo, resposta ao pedido de confirmação, recolocando o pedido indireto de ação inicial e desafio.

2.2.5 Texto

Pistas

[a] Kris <_{Ea} Depois que eles viram
que não dava mais jeito

-

[b] eles queriam me levar para fora do Brasil.>_{Ea}

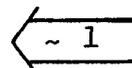
-

Expansão

Kris <_N Depois que os bandidos viram que eu não cedia às ameaças dos bandidos, então, eles quiseram me levar para fora do Brasil com eles.>_N

Interação

Kris avalia que os bandidos não quiseram matá-la
e sim levá-la para fora do Brasil.



O que caracteriza este texto é a introdução da avaliação externa com orientação. A avaliação externa acrescenta um fato novo ao mesmo tempo que orienta. As orações de orientação aparecem comumente numa seção de orientação mas, segundo Labov (1972:364) "... a maior parte desse material é colocado em pontos estratégicos da narrativa".

2.2.6 Texto

Pistas

D [a] Kris <_N Esse tal de Pavão disse:

"que me lavava em ouro tudo

se eu fosse com ele".>_N[b] <_{Ea} Mas.. eu respondia, gritava.>_{Ea}E [c] <_N disse:

auto-interrupção

"que não tinha -

[d] que eu queria morrer

[e] que com eles eu não ia sair

[f] que eu ia fazia um escândalo".>_N[g] <_{Ea} Eles faziam tudo

reserva

[h] Iam me levar.>_{Ea}

Expansão

[a] Kris <_N Um dos quatros bandidos {BAN-MAT-PE} se chama Pavão. Ele disse que me lavava em ouro se eu fosse com ele para o exterior.

[b], [c], [d], [e] Mas eu respondia, gritava. Eu disse que não tinha... e repeti que eu queria morrer porque com eles eu não iria sair para o exterior e que eu faria um escândalo, continuando a ameaçá-los.

[g], [h] Os bandidos faziam tudo.... e iam me levar para o exterior.

Interação

Kris narra e avalia. Informa o nome de um dos bandidos. O bandido faz um pedido. Ela recusa o pedido reagindo, deste modo, desafiando o bandido ?BAN-MAT-PE e reafirmando 1.

O modo de expressão é direto com uma auto-interrupção e reserva, como em 'eles faziam tudo....'

Kris retoma a seqüência narrativa sendo a ação complicada ra intercalada com avaliação.

Na oração narrativa D, Kris revela o nome de um dos bandi dos e para realçar o nome em sua citação direta ela usa um atributo 'esse tal de Pavão'.

Na avaliação que está encaixada nesta citação, reconhecemos um pedido indireto de ação da parte do bandido.

2.2.6 D [a] Esse tal de Pavão disse:

"que me lavava em ouro tudo
se eu fosse com ele".

A forma do pedido se apresenta no condicional. Segundo Todorov (1979:142):

"... o condicional e predictivo oferecem não sã uma característica semântica comum (a hipótese) mas se distinguem por uma estrutura sintática particular: dizem respeito a uma sucessão de duas orações e não a uma oração isolada. Mais precisamente, concernem à relação entre essas duas orações, que é sempre de implicações, mas com a qual o sujeito da enunciação pode manter diferentes relações."

O pedido se adapta à regra de pedidos indiretos para ação⁴.

O pedido de A (bandido-Pavão) no condicional põe em relação de implicação a ser desempenhada por Kris — ir com o bandido — e a afirmação predictiva de ser lavada em ouro se o acompanhasse. A necessidade para o pedido está ligada à expressão do desejo do bandido.

Kris não aceita o pedido e mostra sua tensão na ação avaliativa da oração 2.2.6 [b] 'Mas.. eu respondia, gritava' que consiste em contar o que ela fez, ao mesmo tem que se carac-

teriza como um desafio dela ao bandido. A conjunção adversativa, mas que acompanha essa ação avaliativa marca a natureza contrária entre a proposta do bandido e sua recusa, a qual é expressa também nas orações subordinadas características da seção de avaliação. Neste relato, Kris demonstra a sua incorruptibilidade.

Na avaliação externa das orações 2.2.6 [g] "eles faziam tudo...." e [h] "iam me levar" Kris faz uma observação avaliativa. Segundo Labov (1972:371) "o narrador pode parar sua narrativa, voltar-se para o ouvinte e depois dizer a ele de que se trata"... Kris denota com essa avaliação que o comando da situação estava com os bandidos, usando o intensificador 'tudo' e marcando ainda mais o comentário: em 2.2.6 [g] 'eles faziam tudo....'

2.2.7 Texto

Pistas

F [a] Kris <_N Aí quando chegaram em Gravataí
viram

que não tinha mais jeito

G [b] aí me deixaram >_N

<_{Ea} que eu não ficava quieta.>_{Ea}

H [c] <_N aí me deixaram.....> _N

Expansão

Kris <_N Os bandidos {~ BAN-MAT-PE} não quiseram me matar e me levaram com eles. Quando chegaram em Gravataí, viram que eu não podia continuar com eles porque eu não ficava quieta, então resolveram me deixar em Gravataí.>_N

Interação

Kris faz uma coda para a narrativa.

Kris mostra fala rápida, espontânea e com repetições 'aí me deixaram', 'aí me deixaram', até finalizar com um longo silêncio em [c].

Continua com a seqüência narrativa, intercalada com avaliações. Contudo, agora marca simultaneamente o fim da narrativa com uma coda 2.2.7 [c] "aí me deixaram....."

De acordo com Labov (1972:366) "as codas fecham a seqüência de ações complicadoras e indicam que nenhum dos eventos que se seguem será importante para a narrativa". Kris encerra aqui a seqüência de orações narrativas que deu início na sinopse em 2.2.1.

Labov (1972:366, nota) se refere à coda como "uma forma de resolver o problema e indicar o final da vez de falar num discurso". De fato, Kris indica o final de sua vez de falar. A pergunta da analista em 2.1.5 — 'E o que foi que te aconteceu?' — é propriamente respondida e sinalizada pelo silêncio que acompanha o final daquela seqüência.

A contextualização para se compreender onde a ação se desenvolveu é feita pela oração introduzida por 'quando' que se constitui também como uma oração de orientação. Essa oração proporciona um pano de fundo para os eventos, ao mesmo tempo que orienta sobre o local.

Sub-episódio

Kris encerra a ação complicadora com uma coda e um silêncio que possibilitariam uma troca de turno. Mas a analista não toma o turno de fala. Kris então segue com avaliações que servem como fundo para realçar a ação complicadora da narrativa. Esta é a razão de considerarmos esta seção como um sub-episódio.

De acordo com a abordagem gestáltica (Garcia-Rosa, 1986: 68) "O importante a destacar é que figura e fundo não correspondem a duas realidades que possuam existência independente, mas a uma mesma realidade que se apresenta sob dois modos". A avaliação feita por Kris está como fundo da ação complicadora da narrativa.

2.2.8 Texto

Pistas

Kris <_{Ea} ELES NÃO TINHAM PENA DE NINGUÉM.

ênfase

ELES NÃO TEM PENA DE NINGUÉM.

repetições

ELES SÃO FRIO.>_{Ea}

Expansão

Kris <_{Ea} Os bandidos {BAN-MAT-PE} não tinham e não têm pena de ninguém. Eles são pessoas frias porque eles mataram o meu namorado, na minha frente, levando-me e agredindo-me fisicamente.>_{Ea}

Interação

Kris avalia o comportamento dos bandidos.

A fala se realiza com ênfase e repetições, como em 'eles não', 'eles não', 'pena de ninguém', 'pena de ninguém', para avaliar as características dos bandidos.

Essa avaliação externa parece ser necessária para Kris poder passar à analista a forma como percebe os bandidos. Ela expressa as qualidades inerentes aos bandidos, passando a forma verbal do pretérito imperfeito para o presente, adequada para apresentar atributos que co-existem com o momento da fala. Neste sentido, Corvalân (1983:765) afirma que o "presente é usado para descrever os participantes quando as características descritas são independentes dos eventos descritos na narrativa". Este é mais um dos recursos linguísticos que Kris utiliza para contar a sua história.

2.2.9 Texto

Pistas

[a] Kris <_{Ea} Quando eles faziam assalto

eles me deitavam no banco

para mim não assistir.

[b] Eu irritava eles.>_{Ea}

I [c] <_N Eu disse para eles:

uh! vocês acham bonito?

eu também quero assistir

eu quero ver...

[d] assisti tudo

longo silêncio

.....">_N

Expansão

[a], [b] Kris <_N Quando os bandidos {BAN-MAT-PE} faziam assalto enquanto dirigiam-se para Gravataí eles me deitavam no banco de trás do carro para eu não assistir às atrocidades. Eu irritava os bandidos.

[c], [d] eu perguntei para eles se achavam bonito fazer assaltos. Eu disse que também queria assistir, queria ver os assaltos, sō para provocar. Os bandidos me deixaram assistir a tudo.>_N

Interação

[a] Kris fornece informações sobre os bandidos

BAN-MAT-PE

e sobre sua maneira de interagir com eles.

[b] Afirma que manteve diálogo com os bandidos em que, simultaneamente, faz um pedido de confirmação, um desafio

?BAN-MAT-TE

e um pedido de ação.

[c] Afirma que os bandidos atenderam seu pedido, contradizendo, deste modo, o que afirma sobre eles em 2.2.8.

O modo de expressão é direto até o final do texto com um longo silêncio em [d].

A avaliação é caracterizada por orações de ação avaliativa que indicam o comportamento interacional de Kris e os bandidos, conforme seu relato. Segundo Labov (1972:373) a ação avaliativa é "um passo a mais na dramatização da avaliação de uma narrativa..."

A oração 2.2.9 [a] iniciada com 'quando' localiza a ação no tempo, informando sobre o que os bandidos fazem com ela durante a prática de assaltos, seguindo-se outra oração de ação avaliativa sobre o seu modo de agir em 2.2.9 [b] 'eu irritava eles'.

Em 2.2.9 [c] eu disse para eles:

"uh! vocês acham bonito?

eu também quero assistir,

eu quero ver".

Kris cita a si mesma se endereçando aos bandidos, realizando três atos de fala — pedido de confirmação, pedido indireto de ação e desafio⁵.

O pedido de confirmação de A (Kris) sobre os eventos de B (bandidos) solicita confirmação de um juízo de valor dos bandidos sobre os assaltos que praticavam — 'uh! vocês acham bonito?'

O pedido de confirmação é seguido por um pedido indireto de ação 2.2.9 [c] 'Eu também quero assistir. Eu quero ver'. O pedido afirma o desejo de A (Kris) assistir aos assaltos. A ação a ser desempenhada por B (bandidos) tem a finalidade de deixar A (Kris) assistir aos assaltos. Na ausência do pedido

essa ação não seria desempenhada.

A estratégia que Kris usou neste pedido é, segundo Blum-Kulka & Olshtain (1985:202) "... uma estratégia em que o enunciado expressa as intenções, os desejos e sentimentos do falante para que o ouvinte faça X" (a ação pedida).

O desafio 2.2.9 [d] "assisti tudo" acompanha, simultaneamente, os dois atos de fala. Kris desafia o status dos bandidos, afirma que o seu pedido foi atendido e finaliza com um silêncio.

2.2.10 Texto

Pistas

Kris < _{Ea} Quando eu conheci ele
 eu tinha treze anos. Comecei a
 namorar com ele com treze anos
 e eu fui gostando dele
 a gente se dava bem.
 Eu aprendi muitas coisas
 a gente se dava tão bem. > _{Ea}

Expansão

Kris < _{Ea} Eu conheci o meu namorado quando tinha treze anos de
 idade. Comecei a namorar-lo e fui gostando {2} dele. Nós dois
 nos dávamos bem {3} Eu aprendi muitas coisas com ele. > _{Ea}

Interação

Kris informa sobre a idade que tinha quando conheceu o namorado e avalia o relacionamento entre ambos.

O modo de expressão é direto. A construção com 'quando' está novamente como pano de fundo para a narrativa. Ela informa sobre um novo material que tem a função de orientar sobre um evento passado, claramente marcado como separado e distinto do momento da fala. Kris orienta sobre um momento que é anterior à história narrada até aqui.

2.2.11 Texto

Pistas

Kris <_{Ea} Quando ele levou o tiro
eu nunca imaginei que ele ia morrer.

Eu achei que ele ia para o hospital,
ele ia ficar enfaixado sabe,
que ele ia se curar,

mas isso eu nunca imaginei.

repetições

Ele não podia morrer..... >_{Ea}

silêncio

Expansão

Kris <_{Ea} Quando o meu namorado levou o tiro dado pelos {BAN-
MAT-PE} eu nunca imaginei que com aquele tiro ele fosse morrer.
Eu imaginei que ele fosse para o hospital, ficasse enfaixado e
que iria se curar. Nunca imaginei que ele iria morrer. O meu
namorado não podia morrer. >_{Ea}

Interação

Kris retoma a sinopse de 2.1. Avalia a sua dificuldade em
aceitar a morte do namorado.

O modo de expressão de Kris realiza-se com repetições re-
levantes sobre a morte do namorado e finaliza o turno de fala
com um silêncio. Kris avalia para a analista sua dificulda-
de em aceitar a ocorrência dos fatos. A conjunção adversativa
'mas', acompanhada da negativa, expressa essa dificuldade bem
como o intensificador 'nunca'.

O sub-episódio corresponde a cenários distintos para a
narrativa do episódio 2.2. Cada um dos três textos especiali-
za um fundo distinto mas que pertence sempre à mesma figura —

a narrativa. Como em Labov e Fanshel (1977) o sub-episódio acrescenta avaliações que ilustram a narrativa⁶.

2.3. Episódio Três

Depois do silêncio no final do episódio dois, Kris inicia a segunda narrativa.

2.3.1 Texto	Pistas
[a] Kris < _{Ea} Domingo eu fui para a casa do irmão dele Comecei a... assim a estava todo mundo reunido assim tã - Aí eu fiquei lá no portão só esperando ele.	hesitação
[b] Sabia que estava morto	
[c] esperando ele, esperando ele chegar de moto, falar comigo. Sô faltava ele, estava todo mundo reunido. Sô faltava ele, fiquei esperando, esperando ele. > _{Ea}	repetição repetição repetição

Expansão

[a] Kris <_N Domingo último, fui para a casa do irmão do meu namorado >_N <_{Ea} Encontrei toda a família reunida, então fiquei lá no portão da casa sozinha esperando pelo meu namorado. >_{Ea}

[b], [c] <_{Ea} Eu sabia que ele estava morto, mesmo assim fiquei lá no portão da casa onde estavam todos reunidos. Sô faltava ele {Kris-E₂}. Fiquei esperando ele chegar de moto e falar comigo. >_{Ea}

Interação

Kris inicia a narrativa com orientação e avaliação e introduz a proposição Kris - E₂ .

Kris mostra hesitação no seu modo de expressão com muitas repetições engatilhadas, o que é típico de início de narrativas.

A narrativa inicia-se com uma seção de orientação. Não encontramos aqui uma sinopse precedendo imediatamente as orações de orientação, porque ela já havia sido dada no início da entrevista 2.1.1 [b] 'para mim está sendo difícil'. A seção de orientação é completa porque o tempo, o cenário, as pessoas e o comportamento característico da situação são descritos.

A seção de orientação é interrompida com uma avaliação externa 2.3.1 [b] 'Sabia que estava morto'. Na avaliação interna que segue em 2.3.1 [c] Kris prossegue com orações formadas por locuções verbais de gerúndio como é comum em seções de orientação.

Segundo Labov (1972:364):

"A seção de orientação apresenta algumas propriedades sintáticas interessantes. É bastante comum encontrarem-se muitas orações no progressivo passado na seção de orientação, resumindo o tipo de coisa que estava ocorrendo, antes de se passar o primeiro evento da narrativa ou durante todo o episódio."

Outra forma verbal comum na orientação e avaliação é o pretérito imperfeito do indicativo⁷.

Na interação, Kris orienta a analista para reconhecer o começo da narrativa e introduz a proposição {Kris - E₂} de que sente falta do namorado. A alta frequência de repetições reforça essa proposição.

2.3.2 Texto

Pistas

- A [a] Kris <_N Quando eu estava no portão
eles começaram: "ele morreu, ele morreu."
omissão do verbo
repetição
- B [b] Aí entrei,
- C [c] Comecei chorar,
- D [d] Comecei a tomar, tomar, tomar
misturar bebida.
repetições
- E [e] Aí comecei a desmaiar, me sentir mal.
- F [f] Me levaram para o hospital....
Fiquei no hospital continuou tudo.
- G [g] Tomei remédio
estava fazendo tratamento.
- H [h] Tomei remédio tudo numa vez só.>_N
repetição

Expansão

Kris <_N Quando eu estava no portão da casa do irmão de meu namorado, as pessoas que estavam lá reunidas começaram a dizer: ele morreu. Eu entrei na casa, comecei chorar e tomar diferentes tipos de bebida sem parar. Comecei a me sentir mal e desmaiei. As pessoas me levaram para o hospital. Eu fiquei no hospital e tomei remédios. Eu estava fazendo um tratamento e tomei todos os remédios de uma só vez.

Interação

Kris narra os fatos ocorridos dando orientação e avaliação sobre seu estado emocional.

O modo de expressão é marcado por repetições de orações e partes de orações. Na seqüência de orações narrativas, formando a seção de ação complicadora Kris se refere ao seu com-

portamento emocional atual, decorrente da perda do namorado. A seção de ação complicadora orienta os locais onde as ações tiveram lugar como acontece em A, B e F.

A narrativa de Kris gira em torno da proposição geral {Kris - E₂} — Kris sente falta do namorado. A verbalização retrata como essa proposição é o centro de interesse da interação verbal. A ocorrência de repetições enfatiza essa proposição e intensifica determinadas ações.

Segundo Labov (1972:378) "... eventos são organizados na narrativa na mesma ordem em que eles ocorreram. Um intensificador seleciona um desses eventos e/ou reforça ou o intensifica".... Mais tarde, Labov observa que a repetição é um mecanismo simples do ponto de vista sintático mas que nas narrativas exerce um papel importante pois não só intensifica como também suspende a ação⁸. Vimos muitos exemplos de repetições na narrativa de Kris.

2.3.3 Texto

Pistas

Kris <_{Ea} Agora tem que fazer tratamento de novo.> _{Ea}

Expansão

Kris <_N Como eu estava fazendo tratamento e tomei os remédios de uma vez só, agora eu preciso fazer tratamento de novo.

Interação

Kris finaliza a narrativa com uma coda.

A oração 2.3.3 constitui a coda. Assinala o término da narrativa.

Efetivamente, com essa coda Kris volta para o presente mostrando os efeitos dos eventos traumáticos sobre ela.

A analista toma o turno de fala, solicitando a Kris informações sobre os eventos narrados, numa série de quadro pedidos.

2.3.4 Texto

Pistas

[a] A. < Ee Que remédio? > Ee

[b] Kris < Ee Constantim > Ee

[c] A. < Ee Para que é? > Ee

[d] Kris < Ee Corrimento essas coisa

[e] Então depois tomei mais umas bagas assim

que eu tava..... > Ee

reserva

[f] A. < Ee Por que tomou o remédio tudo

numa vez só? > Ee

[g] Kris < Ee (riso) eu não estava bem.

riso

Comecei pensar nas coisas tudo o que aconteceu....

..... > Ee

silêncio

[h] A. < Ee Como foi que aconteceu? > Ee

Expansão

[a] A. < Ee Que remédio você tomou de uma só vez? > Ee

[b] Kris < Ee O remédio que tomei de uma só vez chama-se constantim > Ee

[c] A. < Ee Qual é a prescrição deste remédio? > Ee

[d] Kris < Ee O remédio é indicado para corrimento e outras doenças desse tipo. > Ee

[e] Kris < Ee Depois que tomei todos os remédios de uma só vez, tomei mais alguns comprimidos porque eu estava de uma maneira a qual eu me reservo em descrever. > Ee

[f] A. < Ee Por que você tomou o remédio de uma só vez? > Ee

[g] Kris < Ee Porque eu não estava me sentindo bem {Kris - E₄}
Comecei a pensar em todas as coisas, em tudo o que aconteceu.. a morte violenta do meu namorado...

[h] A. < Ee Como foi que aconteceu? > Ee

Interação

A analista toma o turno de fala e faz quatro pedidos que são intercalados pelas respostas de Kris.

Os pedidos são identificados como pedidos de informação e seguem a regra de pedido de informação citada no episódio um. A forma dos pedidos é interrogativa e a regra básica é seguida⁹. Na afirmação interacional reconhecemos que Kris responde à analista as informações. O último desses pedidos motiva uma resposta narrativa de Kris e dá início ao quarto episódio.

2.4. Episódio Quatro

O episódio quatro compreende a terceira narrativa da entrevista. Trata-se de um relato de Kris especificando como os fatos aconteceram em resposta ao pedido da analista.

2.4.1 Texto

Pistas

[a] Kris < _{Ea} A gente estava -	auto-interrupção
A gente não estava indo comer na Ponta.	repetição
A gente estava indo para casa, né.	repetição
[b] Aí a gente estava conversando.	repetição
Ele estava virado para mim.	repetição
Eu estava assim de frente.	repetição
[c] Aí eu escutei um barulho no vidro.	
Eu estava um pouco assim, um tanto assim da janela.	repetição
Eu escutei um barulho. > _{Ea}	

Expansão

Kris <_{Ea} Eu e meu namorado estávamos indo para casa e paramos o carro. Nós estávamos conversando. O meu namorado estava virado para mim e eu estava de frente, um pouco afastada da janela quando escutei um barulho no vidro do carro. >_{Ea}

Interação

Kris inicia a resposta narrativa ao pedido de informação da analista com uma seção de orientação.

A narrativa aqui analisada informa sobre os acontecimentos narrados no episódio dois.

O elemento estrutural que Labov denomina de sinopse não está presente aqui. A sinopse aparece no episódio dois que trata do mesmo tema tornando-se prescindível nesta narrativa.

A fala é realizada em volume baixo. O modo de expressão é marcado por auto-interrupções e repetições que parecem configurar um estilo próprio de Kris.

A ocorrência de repetições contribui para a facilitação do processamento do enunciado. Vemos como a narradora se esforça para relembrar os acontecimentos dando informações até sobre a posição dos participantes no carro, utilizando-se de dêiticos de lugar e quantificadores, como em 'estava assim de frente', 'um pouco assim', 'um tanto assim da janela'.

A seção de orientação fornece informações sobre o local e o comportamento dos participantes antes da primeira ação, no texto 2.4.2 a seguir.

2.4.2 Texto

Pistas

A. [a] Kris <_N Eu olhei para o lado.

[b] Vi um rapaz abaixado assim olhando,
perdi até a voz.

volume muito baixo

B. [c] Eu disse:

"Silvonei olha para o lado".

C. [d] Ele olhou..

D. [e] Quando olhei de novo assim

era um rapaz que estava com a arma.

E. [f] Ele botou a mão assim na chave

reagiu.

F. [g] O rapaz deu um tiro nele. >_N

Expansão

Kris <_N Quando eu estava dentro do carro com o meu namorado escutei um barulho no vidro da janela, então, eu olhei para o lado para ver o que tinha provocado aquele barulho. Eu vi {BAN-MAT-PE} um rapaz abaixado olhando para nós. Fiquei tão apavorada que até perdi a voz. Então, eu disse para o Silvonei, meu namorado, olhar para o lado e ele olhou e eu também olhei novamente. Foi então que eu vi que era um rapaz que estava com uma arma. O Silvonei reagiu botando a mão na chave do carro e o rapaz deu um tiro nele. >_N

Interação

Kris narra como o rapaz < BAN-MAT-PE deu um tiro no seu namorado, e sobre o comportamento interacional entre ela e o namorado naquela situação.

A fala é fluente com volume muito baixo quando se refere a 'perdi até a voz'.

As orações que formam a seção de ação complicadora se apresentam de tal forma ordenadas que, para manter esta interpretação semântica, a ordem não pode ser alterada, confirmando a regra de Labov. Para atingir esse efeito Kris se utiliza da forma verbal no pretérito perfeito, inerente à própria definição da narrativa.

A ação complicadora é intercalada com orações de orientação e avaliação. Neste ponto da narrativa, a orientação tem a finalidade de informar sobre o participante da ação e seu comportamento, recolocando a proposição {BAN-MAT-PE}. O comentário avaliativo 2.4.2 [b] '... perdi até a voz' — expressa a tensão emocional de Kris na situação.

Uma das orações da ação complicadora constitui-se em um pedido direto de ação. B [c] 'Silvonei olha para o lado' Kris faz o pedido ao namorado e diz o seu nome pela primeira vez. Conforme regra em Labov e Fanshel (1977:78).

Regra Básica para Pedido Direto de Ação

Se A se dirige a B no imperativo especificando uma ação X em tempo T_1 e B acredita que:

- 1a - X deveria ser feito por uma finalidade Y (necessidade para ação),
- b - B não faria a ação X na ausência do pedido (necessidade para pedido),
- 2 - B tem habilidade de fazer X (como o instrumento Z),
- 3 - B tem a obrigação de fazer X ou está disposto a fazê-lo,
- 4 - A tem o direito de pedir a B para fazer X.

Então A é entendido como fazendo um pedido válido para ação.

Segundo Labov e Fanshel (1977:78-9):

"A regra de pedidos faz o trabalho essencial de nos informar quando nós estamos sendo seriamente requisitados para realizar uma ação (...). Mas o simples imperativo inferido na regra é raramente usado na situação real de interação conversacional."

O pedido de Kris cumpre a sua finalidade porque o namorado realiza a ação solicitada.

A estratégia do pedido é aqui marcada pelo modo gramatical do verbo na expressão que indica sua força elocucionária como solicitação¹⁰.

2.4.3 Texto

Pistas

G. [a] Kris <_N Aí depois o rapaz falou
para o outro cara:

"queres apagar?" >_N

<_{Ea} Era dois. >_{Ea}

H. [b] <_N Um foi para um lado,
e o outro agarrou ele. >_N

<_{Ea} "Se tu não abrir essa porta
eu te mato".

Discurso direto
sem: 'ele disse
para mim'

[c] Eu não conseguia abrir a porta,
Fiquei nervosa,
aí não ouvi
e nem tentei mais abrir. >_{Ea}

J. [d] <_N Aí o outro quebrou o vidro

L. abriu a porta

M. jogou ele para trás. >_N

[e] <_{Ea} "mesmo se ele não tivesse
não tivesse reagido
eu iria dar um tiro nele". >_{Ea}

Discurso direto,
sem: 'ele disse'
repetição

Expansão

[a], [b] Kris <_N Depois que {BAN-MAT-PE} o rapaz deu um tiro no meu namorado ele perguntou para o outro rapaz que o acompanhava se ele queria me matar. Um dos rapazes foi para um lado e disse para mim: se tu não abrir essa porta eu te mato e o outro agarrou ele. Eu não conseguia abrir a porta, fiquei {Kris - E₃} nervosa, não ouvi e nem tentei mais abrir a porta. [c], [d] Um dos rapazes quebrou o vidro, abriu a porta e jogou o meu namorado para o banco de trás do carro e disse: mesmo se ele não tivesse reagido colocando a mão na chave do carro eu iria dar um tiro nele >_N.

Interação

Kris narra, focalizando a seqüência de eventos traumáticos \langle X:EXTERN \rangle provocados pelos \langle BAN-MAT-PE \rangle . Orienta e faz uma avaliação da sua reação emocional \langle Kris - E₃ \rangle .

A fala é rápida, com omissões de orações que introduzem o discurso direto, e repetições, 'não tivesse', 'não tivesse'.

As orações G, H, I, L, M em 2.4.3 que constituem a ação complicadora vêm acompanhada de orientação e avaliação. A orientação acrescenta outro participante da ação — 'Era dois' — A avaliação interna agrupa vários comentários sobre o clima emocional da situação e dos protagonistas como em 'fiquei nervosa, não ouvi, nem tentei mais abrir' e 'mesmo se ele não tivesse reagido eu iria dar um tiro nele'.

Na ação complicadora encontramos um pedido de informação realizado com uma citação direta¹¹;

G [a] Kris <_N "Aí depois o rapaz falou para o outro cara: "queres apagar"?""

Encontramos um pedido indireto de ação¹² de um dos rapazes para Kris, com omissão da elocução — 'ele disse para mim' — que deveria preceder o pedido;

[b] ... — 'Se tu não abrir essa porta eu te mato' —

A forma do pedido é de máximo agravamento pela colocação de uma condição que, se não cumprida, ameaça a vida de Kris. O agravamento é decorrente do caráter obrigatório do desempenho da ação¹³. A omissão da elocução pode ser um indicador do envolvimento emocional de Kris com a situação de ameaça.

2.4.4 Texto

Pistas

- N. [a] Kris <_N Aí comecei a falar, falar >_N repetição
 <_{Ea} O Silvonei estava deitado atrás comigo.
 Só estava os dois... >_{Ea}
- O. <_N Aí eu comecei a falar... repetição
- P. [b] Eu perguntei para eles,
 Se eles não tinham pena. >_N
 <_{Ea} Deixa a gente em qualquer lugar moço Discurso direto
 sem: 'eu disse'
 Eu quero conhecer com ele. >_{Ea}
- Q. [c] <_N Aí ele falou assim:
 O que tu pensa que a gente é, hein, gata? Apagamento do
 objeto
 Tu pensa que a gente é qualquer um
 que ROUBA, faz alguma coisa? ênfase
 A gente é bandido é assassino.
 Sabes que que é assassino?
- R. [d] Aí comecei:
 a mim vocês não assusta NADA ênfase
 essas coisa assim". >_N ausência de con-
 cordância ver-
 bal

Expansão

- [a] Kris <_N O Silvonei estava deitado no banco de trás do carro comigo, então eu comecei a falar. Perguntei para os rapazes {BAN-MAT-PE} se eles não tinham pena de nós. Pedi para eles que nos deixassem em qualquer lugar, Eu disse: "Eu quero começar a viver, quero conhecer com ele".
- [b] O rapaz {BAN-MAT-PE} falou que eles eram bandidos, assassinos.
- [c] Então eu falei para os bandidos que a mim eles não assustam {Kris - E₁} nada, essas coisas assim. >_N

Interação

Kris narra com orientação, avaliação e pedidos. Os bandidos recusam o pedido e justificam a recusa. Kris faz um desafio à proposição ~ BAN-MAT-PE deste modo, afirma que Kris - E₁.

O fluxo da fala é interrompido com repetições, omissão da citação que se refere ao discurso direto, ênfases, apagamento de objeto do verbo transitivo — conhecer — em 'quero com ele' — e ausência de concordância verbal — 'a mim vocês não as-susta'.

A ação complicadora formada pelas orações N, O, P, Q e R segue com encaixamentos de orientação como em 'O Silvonei estava deitado atrás comigo', 'sô estava os dois'. Nas citações, encontra-se uma série de pedidos que expressam a interação entre Kris e os bandidos, conferindo sentido e unidade ao texto.

Kris, ao perceber sua vida ameaçada, encadeia quatro pedidos¹⁴ que evocam aos bandidos a preservação de sua vida. O pedido que inicia esta série, com este objetivo, é um pedido indireto de ação.

P. 2.4.4 [a] 'eu perguntei para eles
se eles não tinham pena'.

O segundo pedido é direto no imperativo:

P. 2.4.4 [a] 'deixa a gente em qualquer lugar moço'.

Os dois últimos são pedidos indiretos de ação. Eles focalizam a necessidade para o pedido e a necessidade para a ação.

P. 2.4.4 [a] 'eu quero começar viver
quero conhecer com ele'.

Esta produção de quatro pedidos que evocam a realização da mesma ação comprova que um falante pode usar diferentes estratégias para formular um mesmo pedido, com vistas a mitigar esse ato de fala. Esses pedidos, como recursos lingüísticos que Kris encontrou para lidar com a situação de violência, provavelmente contribuíram para lhe garantir a vida.

Segundo Labov (1981:243) "... Um princípio geral bem conhecido para aqueles que tratam de situações difíceis e violentas é: continue falando". Labov, neste mesmo artigo, ao analisar relatos em que pessoas foram assassinadas, conclui que "... são detectadas reações violentas quando a seqüência dos atos de fala leva numa direção tal que o discurso pára". Parece que Kris, intuitivamente, impediu que os atos de fala chegassem a um término como podemos ver nas orações:

N. 2.4.4 [a] 'Aí eu comecei a falar, falar'.

O. 'aí eu comecei a falar...'

O bandido recusa o pedido utilizando-se do mecanismo de resposta redundante. Conforme Labov e Fanshel (1977:92).

Sub-Regra de Resposta Redundante

Se A faz um pedido de ação a B, e B responde com um pedido de informação que A e B sabem que B não precisa desta informação, então B é ouvido como recusando provisoriamente o pedido.

O pedido de informação de (B) bandido é redundante porque A (Kris) e B (bandido) têm conhecimento prêvio de que B se refere aos assassinos. Diante desta recusa do seu pedido Kris desafia a proposição¹⁵ afirmada pelos bandidos {-BAN-MAT-PE} em:

R. [c] aí comecei:

"a mim vocês não assusta nada
essas coisa assim".

A proposição afirmada pelo bandido {Bandisos Matam Pes-soas} é apoiada pelo status do elocutor e efetivada pelo desempenho ao matar Silvonei. Para manter um status uma pessoa precisa se comportar, conforme as normas sociais¹⁶. Os bandidos não mantêm o que é afirmado pela proposição frente ao desafio de Kris.

2.4.4 [a] 'a mim vocês não assusta nada'

No desafio há uma ausência de concordância verbal. O sintagma nominal objeto passa a tópico da frase deslocando-se para o lugar do sujeito. Esta alteração na estrutura sintática pode ser indicação do envolvimento emocional de Kris.

2.4.5 Texto

Pistas

S. [a] Kris <_N Aí chegou um pouco mais para trás.

T. Aí eles começaram a andar,

U. eles foram

V. [b] pegaram os outros dois. >_N repetição

<Ea Eram quatro > Ea

X. <_N Pegaram os dois.

Z. [c] Aí começaram a dizer

"que estava muito apertado

que o Silvonei estava....." >_N

silêncio

Expansão

[a] Kris <_N Depois do que aconteceu os bandidos {BAN-MAT-PE} começaram a andar com o carro nos levando com eles. Pegaram os outros dois bandidos.

Interação

Kris narra com orientação e avaliação.

A fala é interrompida com repetições. Como 'pegaram', 'pegaram'.

A seção de ação complicadora constituída pelas orações S, T, U, V, X e Z é intercalada com uma oração de orientação sobre o número de bandidos 'Eram quatro'. A seqüência dos eventos é interrompida com um silêncio deixando em suspense o final da narrativa. Kris registra eventos que valiam a pena contar e em que a observação do tipo: e daí? não pode ser feita pela interlocutora. Isto confirma a observação de Labov, de

que na avaliação o falante mostra ao ouvinte que os eventos relatados vale a pena serem contados por serem perigosos, maravilhosos, hilariantes ou inusitados¹⁷.

NOTAS

¹Cf. Labov, 1981:228.

²Cf. Labov e Fanshel, 1977:249.

³Cf. Labov e Fanshel, 1977:97.

⁴Cf. Labov e Fanshel, 1977:83.

⁵Cf. Labov e Fanshel, 1977:83, 97, 100.

⁶Cf. Labov e Fanshel, 1977:39.

⁷Corvalán (1983) discute como os termos verbais são distribuídos na narrativa em espanhol, e nota que na seção de orientação o imperfeito é o tempo mais freqüente.

⁸Cf. Labov, 1972:379.

⁹Cf. Labov e Fanshel, 1977:88-90.

¹⁰Cf. Blum-Kulka e Olshtain, 1985:202.

¹¹Labov e Fanshel, 1977:89.

¹²Labov e Fanshel, 1977:83.

¹³Cf. Labov e Fanshel, 1977:85.

¹⁴Labov e Fanshel, 1977:78, 83.

¹⁵Labov e Fanshel, 1977:97.

¹⁶Cf. Labov e Fanshel, 1977:96.

¹⁷Cf. Labov, 1972:371.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo possibilitou uma contribuição para a compreensão da estrutura da narrativa na entrevista terapêutica. Observamos que a narrativa ocupa o espaço central no discurso de Kris em relação aos demais atos de fala.

As noções formuladas por Labov (1972) tornaram-se indispensáveis como suporte teórico para o esclarecimento de fenômenos narrativos. Não menos relevante foi a contribuição de Labov e Fanshel (1977) com o seu método de investigação e o subsídio para a aplicação de Regras sobre alguns atos de fala. Este método permitiu mostrar como as proposições recorrentes são encaixadas no intercâmbio conversacional em si mesmo, e como a afirmação interacional representou o que foi dito e o que foi feito, o que toma lugar numa análise terapêutica. A expansão do texto é um processo aberto que permitiu introduzir material de várias partes do texto completando a análise. As pistas paralingüísticas de auto-interrupção, evitação, reserva, silêncios, ênfase, riso e diminuição do volume da voz, bem como as pistas lingüísticas de repetições e alterações na estrutu-

ra sintática da oração que evidenciam formas significativas de ruptura do fluxo do discurso especialmente quando contrastado com o discurso fluente. Estas pistas desempenham importante papel na interação conversacional.

A proposição central {BAN-MAT-PE} é apresentada de forma explícita em diferentes lugares do texto, e a proposição {X: EXTERN} que aparece de forma implícita no início da entrevista é explicitada posteriormente. Elas refletem a ordem de prioridade dos esquemas de pensamento.

Kris tem traumas especiais de importância para relatar, e a narrativa é o ato de fala para dizer o que aconteceu a ela. Embora seu discurso apresente interrupções no seu fluxo, reflete um grau de amadurecimento quanto à arte de contar e recontar a sua história. As repetições em contextos adequados configuram um estilo próprio da conversação. As seqüências narrativas apresentam em alguns pontos certa ilogicidade — característica da linguagem espontânea. A seqüência de atos de fala determina uma divisão natural do texto em quatro episódios.

A razão maior da divisão é a própria estrutura da narrativa. Cada episódio é subtema e especializa um aspecto do tema com um conteúdo semântico próprio. O fluxo das narrativas é a razão maior da divisão em episódios, elas têm uma distribuição bem marcada com seqüências narrativas, avaliações, cenários e personagens próprios.

Os recursos lingüísticos e a reportabilidade das narrativas de Kris nos permitem inferir que os fatos narrados possuem o mesmo significado da experiência real.

Como a experiência e as emoções envolvidas formam uma parte importante da biografia de Kris, ela se vê envolvida em

ensaiar ou mesmo reviver o seu passado traumático. O trauma como uma fratura de um certo equilíbrio, golpe que comove a estrutura de Kris, faz com que ela use a narrativa, técnica mais eficiente do discurso informal, para assimilar o que é, em princípio, inassimilável e que se define pela afirmação do acaso.

As narrativas estão claramente definidas em seus princípios e fins por sua estrutura global. Os elementos estruturais de uma narrativa marcados por Labov (1972) estão todos presentes no texto analisado, e a sintaxe é distinta em cada um deles em seus tempos verbais, negativas, modais, comparadoras e intensificadores.

A sinopse com que Kris inicia a entrevista é também uma coda: resume e conclui o estado atual, em decorrência de tudo o que lhe aconteceu e que a motivou buscar tratamento. Este resumo faz com que a analista infira que algum tipo de problema ocorreu com Kris. Esta inferência estimula a analista a formular um pedido sobre o que aconteceu. O que chama a atenção é que o normal na cadeia icônica seria que este resumo ocorresse no final do texto.

Por outro lado, as perguntas que desencadeiam as respostas narrativas estão na ordem em que foram provocadas na cadeia do discurso. Kris se propõe a contar, e a analista quer que ela conte. A interação entre Kris e a analista está dentro dos padrões normais de conversação com certa transparência entre o que é dito e o que é feito.

Ademais, orientação, avaliação ou qualquer dos elementos foram encontrados ao longo de toda a narrativa e em mais de um lugar. As avaliações encontradas no corpo das narrativas

confirmam o ponto de vista de Labov (1972) no sentido de que a avaliação corresponde à razão de ser da narrativa. A força narrativa de uma experiência reside na carga emocional que ela imprimiu no narrador e qualquer fato suficientemente significativo para ser narrado está sujeito a avaliações.

Kris faz a suspensão da ação com a finalidade de informar sobre a carga dramática ou o clima emocional da situação e dos protagonistas e, ainda para dar mais ênfase a certas passagens do que a outras. O modo de caracterização da ação complicadora coincide com a própria definição da narrativa. A cadeia temporal é mais importante do que a cadeia local, mostrando os diferentes segmentos dos acontecimentos e confirmando que a ação complicadora é essencial para se reconhecer uma narrativa.

A distribuição dos tempos verbais caracterizam os elementos estruturais narrativos: os imperfeitos do indicativo parecem estar destinados para os contextos que proporcionam a orientação e avaliação, isto é, os contextos que não movem a narrativa. Eles têm como significado um passado visto desde o passado; um passado do qual não se pode ver os limites.

O significado do pretérito, pelo contrário, é um passado visto desde o presente, portanto, é um passado que faz com que as coisas se ordenem com respeito ao presente — é dizer que o passado que dizemos primeiro resulta anterior ao que dissemos depois. É um passado do qual se percebe um limite sobre tudo porque tem um valor perfectivo.

O presente focaliza um evento que pode coexistir com o momento de falar sem levar em consideração os limites temporais. O presente foi usado por Kris, também, para descrever as características dos participantes e que são independentes

dos eventos descritos na narrativa.

O método permitiu fazer uma análise lingüística dos atos de fala em que a expansão e interação mostraram as interdependências e outras relações relevantes fundadoras do texto narrativo.

A aplicação de uma metodologia lingüística na prática psicanalítica revelou-se fecunda. A expansão e a identificação das proposições, a interação e as pistas paralingüísticas e lingüísticas oferecem suporte para o trabalho psicanalítico. As palavras são, no dizer de Freud, equívocos predestinados à multivacidade, posto que a não concordância significante-significado permitem deslizamentos contínuos. Por isso é que, ao falar, não só se diz o que se diz, mas se diz mais, menos ou outra coisa do que se quer dizer.

A cura psicanalítica desenvolveu-se através do simbólico, numa captura dialética do sentido. Supõe, portanto, um sujeito que se manifesta, como tal, a outro, já que só um sujeito pode compreender um sentido e, inversamente, todo fenômeno de sentido implica um sujeito.

Para decifrá-lo, o analista dirige o paciente a sujeitar-se à associação livre. Sua tarefa será oferecer-se como escuta às insistências na cadeia significante, que dão curso ao retorno do desejo, para, numa pontuação afortunada, revelar algo da verdade do sujeito. Aqui, a verdade em jogo é a verdade da manifestação inconsciente. É o que só se pode dizer com a condição de não levá-la até o fim, de só se fazer semi-dizê-la. Nesta verdade situamos a irrupção do real e, portanto, a emergência do sujeito desejante.

Falamos de uma verdade mais particular, situada no ponto

de ocultamento do sujeito que, só através das palavras e especialmente daquelas que não são ditas, pode vir a se desocultar. Pela articulação significativa que vai até o desvelamento de fundo, reencontramo-nos com algo que se acha mais além, no sem-sentido. Sem-sentido que articulamos como sendo da ordem do real. É o sujeito quem fala, é o inconsciente que diz e que se manifesta mais além do dito. E é nesse não dito, nesse sem-sentido, que se aloja nos buracos do discurso, que o real põe sua marca. Real no qual estamos submersos e tentamos, na medida do possível, controlá-lo simbolicamente. O real que pode ser representado pelo acidente, pelo barulho, a pouca-realidade que testemunha que não estamos sonhando. É com esse real que Kris se defronta — o assalto, ameaça à vida, o risco, a morte, o incontrolável — momento que se requer abundância de recursos de simbolização. Kris arranjou esses recursos. O que leva uma passagem ao ato é provavelmente a escassez de recursos sígnicos. Quanto menos recursos sígnicos mais narcisificada fica uma pessoa e maior é a possibilidade de passagem ao ato.

Como se apresenta, então, uma pessoa numa análise? É esse encontro com o real que a traz. Algo estranho que ocorre com o indivíduo, um comportamento que lhe é alheio e aparece como perguntas, enigmas, dores que o angustiam. Essas condutas insólitas são vividas como algo carente de sentido que o arranca de sua relação habitual até o momento mantida com seus semelhantes.

Começa o desconcerto e o desconhecimento do que lhe escapa deste saber não conhecido. Começa a produção do sintoma (essa terra estrangeira interior) e vão se introduzindo dimensões do sem-sentido que o representa e onde não se reconhece.

Busca então a quem desde há muito se oferece na cultura para sua cura. Pede ao analista cobrir de sentido o sintoma e demanda um saber sobre ele.

O sintoma não é qualquer coisa, qualquer distúrbio — o sintoma é aí definido como "o representante do encontro com o real, é um enigma, isto é, o sintoma coloca a pergunta: por que sofro disso?"

Ora, dizer tenho sintomas e sofro deles, significa atribuir-se os sintomas. Encará-los como solúveis significa considerá-los como enigmas a serem pensados.

Nossas reflexões recaem em função da clareza com que se relata aí o discurso de Kris, o seu problema e a questão de uma demanda de análise. Ela está no ato de dizer, mas está perdida, eclipsada no conjunto aberto de significantes encadeados. No ato de ser sujeito do enunciado desaparece se aliena imaginariamente como desejante de um saber. Ela se reserva. O estudo não está posto em jogo, fazendo dele equivalente de um nada. Sua participação está obturada como está obturado todo o seu desejo de saber. Conserva intacta a pergunta: estou implicada nisso?

Perguntamos, então, aqui sobre a vinda de Kris e somos levados a pensar que é a assistente social, que em determinado momento encaminha um caso — Kris foi estuprada e o namorado morto — Kris concorda em ir. Faz duas entrevistas. Nada mais.

Por aqui não há análise.

A primeira entrevista, quase sempre não passa de uma preparação. Tudo fica para se fazer depois, mas os personagens puderam ser colocados em campo.

O trabalho psicanalítico se ocuparia em resgatar e reconstruir toda a dimensão desiderativa da qual o sujeito (Kris) ficou descentrada em razão da repressão.

Respondendo a questão inicial — o que acontece na entrevista terapêutica? poderíamos pensar em duas entradas; uma formal, na qual se marca uma hora; outra, na qual se produz verdadeiramente a demanda de análise, relativa ao enigma que o sujeito faz de seu próprio sintoma. Em certos sujeitos, essa entrada pode coincidir com o abandono; nesse momento, partem, desaparecem. Kris opta por não voltar.

É nas entrevistas que a análise está em jogo. São tão importantes que, depois de algum tempo em análise, os pacientes voltam sobre elas. Recordam com nitidez as cenas, as palavras, detalhes, como se tivessem sido gravadas. É por isso que convém formalizá-las, ainda que não fazê-las em forma Standard. Sabemos que com cada analisante se reinventa a psicanálise, por isso as entrevistas devem ser singularizadas.

A narrativa configura-se no contexto terapêutico como material básico para o trabalho psicanalítico. Por outro lado, a produção do discurso narrativo não implica necessariamente na existência de demanda de análise.

4. A N E X O S

ANEXO 1

CONVENÇÕES

1. Episódios - unidades maiores e menores:

- O primeiro numeral arábico, 2, colocado a esquerda do texto se refere ao título da segunda parte do trabalho;

- o segundo numeral arábico, 2.1, colocado à esquerda do texto identifica o episódio;

- o terceiro numeral arábico, 2.1.1, marca as unidades menores dentro de cada episódio;

- em cada numeral estão indicados as subunidades com letras minúsculas entre colchetes 2.1.1 [a].

2. Falante

A identificação do falante segue o colchete; por exemplo:

2.1.1 [a] Kris

ou,

2.3.4 [a] A.

3. Campo de Discurso

Os campos de discurso são indicados pelo símbolo < e subscrições com iniciais:

- <_{Ee} - estilo de entrevista
- <_N - estilo narrativa
- <_{Ea} - estilo avaliativo

4. Pistas

As pistas paralingüísticas e lingüísticas são mostradas à direita do texto. As letras maiúsculas, na transcrição de palavras ou orações do texto, representam ênfase, com elevação de volume de voz e pronúncia bem marcada, como, por exemplo:

2.3 Texto	Pistas
[a] Kris < _{Ee} ..XX.. que depois que aconteceu tudo isso -	auto-interrupção
[b] pra mim está sendo DIFÍCIL. > _{Ee}	ênfase

5. Orações Narrativas

As letras maiúsculas que aparecem antes das orações servem para indicação das orações narrativas. Esse critério de identificação segue o utilizado por Deborah Schifffrin (1981:45 NOTA). "Cada linha de transcrição com uma letra precedendo-a contém uma oração da ação complicadora, e a letra indica somente a oração daquela linha. Uma exceção é com verbos que representam falar e em citações diretas, pois uma citação direta constitui uma oração de ação complicadora, a letra indica a citação inteira mas, dependendo da extensão da citação, pode continuar por diversas linhas". Por exemplo:

 2.2 Texto

Pistas

- A. [a] Kris <_N eles mataram ele
- B. [b] e disseram que eu também ia morrer.
- C. [c] Aí depois que eu vi ele com os tiro
eu falei para eles: "quero morrer". >_N
-

6. Sinais de Pontuação

Os sinais de pontuação do texto indicam:

XX - termos ininteligíveis

- - auto interrupção

.... - silêncio. Cada ponto corresponde a meio segundo
(0,5 sgs).

Os demais sinais de pontuação do texto são ditados pela gramática normativa.

7. Proposições

As proposições estão representadas na expansão do texto por letras e números entre chaves.

Proposições Gerais

{X:EXTERN} Circunstâncias externas são responsáveis por dificuldades emocionais

{BAN-MAT-PE} Bandidos matam pessoas

{X-E} X sente emoção

{X-DE} X apresenta dificuldades emocionais

{X-E₁} X sente medo

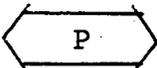
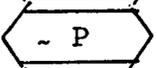
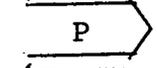
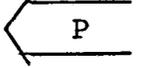
{X-E₂} X sente falta de outro relevante

{X-E₃} X fica nervosa
 {X-PRO} X provoca os bandidos

Proposições Locais

{1} Kris pede para ser morta
 {2} Kris gostava do seu namorado
 {3} Kris e o namorado se davam bem .

As proposições na interação estão dentro de setas que representam procedimentos e os símbolos dentro delas as proposições; por exemplo:

	afirmação da proposição
	negação ou desafio da proposição
	a proposição é questionada
	uma resposta à proposição é requerida
	esta ação é uma resposta para uma ação prévia.

ANEXO 2

O TEXTO DOS QUATRO EPISÓDIOS

Episódio 2.1

2.1.1 [a] Kris..XX.. que depois que aconteceu tudo isso -
[b] para mim está sendo DIFÍCIL.

2.1.2 [a] Kris: Eu estou indo de psicólogo em psicólogo
mas - eu me sinto bem com elas, converso com elas
[b] mas depois quando saio de lá continuo a mesma.
Fico abafada com tudo aqui.
[c] Agora eu tenho um diário.
Escrevo tudo o que aconteceu, estou escrevendo tudo.
[d] Eu não consigo assim desabafar assim,
com ninguém, entende?

2.1.3 [a] Kris: O que aconteceu foi uma coisa assim -
[b] fiquei quase -
[c] eu ia, eu ia com ele, saía.
[d] A gente não saía da casa dele.

2.1.4 [a] Kris: Mas eu não conhecia a VIDA
como era lá fora entende?

[b] Agora não, eu conheço tudo.

Eu sei como as pessoas são.

Eu sei tudo entende? É isso aí.

[c] Eu era medrosa agora não sou mais.

Então nada mais me assusta, nada.

2.1.5 A: E o que foi que te aconteceu?

Episódio 2.2

2.2.1 [a] Kris: Você sabe desse caso que houve né, de -

[b] Desses quatro..... dos quatro que.....

[c] pegaram o meu namorado

[d] e mataram

[e] deram dois tiros...

[f] e eu levaram...

2.2.2 A [a] Kris: Eles mataram ele

B [b] e disseram que eu também ia morrer.

C [c] Aí depois que eu vi ele com os tiros

eu falei para eles: "quero morrer"

[d] que eu queria morrer com ele né

[e] mas eles não quiseram me atirar.

2.2.3 [a] Kris: Eles pegavam o revólver

botavam na CABEÇA botavam

em tudo quanto era lugar

[b] e diziam: "quero ver se tu

não tem medo de morrer, quero ver

se tu olhar para o lado é porque

tu quer morrer".

- 2.2.4 [a] Kris: Eu olhava, ficava séria provocando.
[b] Eles estalavam o revólver e não diziam nada.
[c] Quando eles não atiravam
eu chamava eles de covarde.
[d] Eles davam tapa faziam..
[e] Eu respondia, eu gritava, berrava.
[f] Mas eles não queriam me matar.....

- 2.2.5 [a] Kris. Depois que eles viram
que não dava mais jeito
[b] eles queriam me levar para fora do Brasil.

- 2.2.6 [a] Kris: Esse tal de Pavão disse:
"que me lavava em ouro tudo
se eu fosse com ele".
[b] Mas.. eu respondia, gritava
[c] disse:
"que não tinha -
[d] que eu queria morrer
[e] que com eles eu não ia sair
[f] que eu ia fazia um escândalo".
[g] Eles faziam tudo....
[h] Iam me levar.

- 2.2.7 [a] Kris: Aí quando chegaram em Gravataí
viram
que não tinha mais jeito
[b] aí me deixaram
que eu não ficava quieta.
[c] Aí me deixaram.....

SUB-EPISÓDIO

2.2.8 ELES NÃO TINHAM PENA DE NINGUÉM.

ELES NÃO TÊM PENA DE NINGUÉM.

Eles são frio.

2.2.9 [a] Kris: Quando eles faziam assalto
eles me deitavam no banco
para mim não assistir.

[b] Eu irritava eles.

[c] Eu disse para eles:

"uh! vocês acham bonito?

eu também quero assistir

eu quero ver...

[d] Assisti tudo"

2.2.10 [a] Kris: Quando eu conheci ele

eu tinha treze anos.

Comecei a namorar com ele com treze anos

e eu fui gostando dele.

A gente se dava bem.

Eu aprendi muitas coisas

a gente se dava tão bem.

2.2.11 [a] Kris: Quando ele levou o tiro

eu nunca imaginei que ele ia morrer.

Eu achei que ele ia para o hospital,

ele ia ficar enfaixado sabe,

que ele ia se curar,

mas isso eu nunca imaginei.

Ele não podia morrer.....

Episódio 2.3

2.3.1 [a] Kris: Domingo eu fui para a casa do irmão dele
comecei a... assim a

estava todo mundo reunido assim tá -

Aí eu fiquei lá no portão só esperando ele.

[b] Sabia que estava morto

esperando ele, esperando ele

chegar de moto, falar comigo.

Só faltava ele, estava todo mundo reunido.

Só faltava ele, fiquei esperando, esperando ele.

2.3.2 [a] Kris: Quando eu estava no portão

eles começaram: "ele morreu, ele morreu".

[b] Aí entrei,

[c] comecei chorar,

[d] comecei a tomar, tomar, tomar,

misturar bebida.

[e] Aí comecei a desmaiar me sentir mal.

[f] Me levaram para o hospital....

Fiquei no hospital continuou tudo.

[g] Tomei remédio

estava fazendo tratamento.

[h] Tomei remédio tudo numa vez só.

2.3.3 Kris: Agora tem que fazer tratamento de novo.

2.3.4 [a] A: Que remédio?

[b] Kris: Constantin

[c] A: Para que é?

[d] Kris: Corrimento essas coisa.

[e] Então, depois tomei mais umas bagas assim
que eu estava.....

[f] A: Porque tomou o remédio tudo numa só vez?

[g] Kris: (riso) eu não estava bem. Comecei pensar nas coisas tudo o que aconteceu.....

[h] A: Como foi que aconteceu?

Episódio 2.4

2.4.1 [a] Kris: A gente estava -

A gente não estava indo comer no Ponta.

A gente estava indo para casa, né.

[b] Aí a gente estava conversando.

Ele estava virado para mim.

Eu estava assim de frente.

[c] Aí eu escutei um barulho no vidro.

Eu estava um pouco assim, um tanto assim da janela.

Eu escutei um barulho.

2.4.2 [a] Kris: Eu olhei para o lado.

[b] Vi um rapaz abaixado assim olhando,
perdi até a voz.

[c] Eu disse:

"Silvonei olha para o lado".

[d] Ele olhou..

[e] Quando olhei de novo assim,
era um rapaz que estava com a arma.

[f] Ele botou a mão assim na chave
reagiu.

[g] O rapaz deu um tiro nele

2.4.3 [a] Kris: Aí depois o rapaz falou
para o outro cara:

"queres apagar?"

Era dois.

[b] Um foi para um lado

e o outro agarrou ele.

"Se tu não abrir essa porta

eu te mato".

[c] Eu não conseguia abrir a porta.

Fiquei nervosa.

Aí não ouvi

e nem tentei mais abrir.

[d] Aí o outro quebrou o vidro

abriu a porta

jogou ele para trás.

[e] "Mesmo se ele não tivesse

não tivesse reagido

eu iria dar um tiro nele...."

2.4.4 [a] Kris: Aí comecei a falar, falar.

O Silvonei estava deitado atrás comigo.

Só estava os dois..

Aí eu comecei a falar...

[b] Eu perguntei para eles,

se eles não tinham pena.

Deixa a gente em qualquer lugar moço.

Eu quero começar viver

quero conhecer com ele.

[c] Aí ele falou assim:

"o que tu pensa que a gente é, heim, Gata?

Tu pensa que a gente é qualquer um

que rouba faz alguma coisa?

A gente é bandido é assassino.

Sabes que que é assassino?".

[d] Aí comecei:

"a mim vocês não assusta NADA
essas coisa assim".

2.4.5 [a] Kris: Aí chegou um pouco mais para trás.

Aí eles começaram a andar,
eles foram

[b] pegaram os outros dois.

Eram quatro.

Pegaram os dois.

[c] Aí começaram a dizer

que estava muito apertado
que o Silvonei estava.....

BIBLIOGRAFIA

- BEAUGRANDE, R.A. & DRESSLER, U. Introduction to text linguistics.
London: Longman, 1982. p.49.
- BLUM-KULKA, S. & OLSHTAIM, S. Request and Apologies. A Cross-
Cultural Study of Speech Act Realization Patterns (CCSARP).
Hebrew University, Jerusalem, Tel. Aviv University, 1985.
- CORVALÁN, C.S. "Tense and aspect in oral spanish narrative
context and meaning". In: LANGUAGE, Volume 59, nº 4 (1983).
- COULTHARD, R.M. An Introduction to Discourse. Analysis. Lon-
don: Longman, 1977.
- ECO, U. A estrutura ausente. Introdução a pesquisa terminoló-
gica. São Paulo, Estudos Ed. Perspectiva, 1976.
- FORBES, J.E. "Psicanálise e psiquiatria". Clínica lacaniana.
Revista de psicanálise da biblioteca freudiana brasileira, nº
1, 1985.
- FREUD, S. "Sobre o início do tratamento". Edição standard bra-

- sileiras, das obras completas. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1969.
- GARCIA-ROZA, L.A. Acaso e repetição em psicanálise - uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- GRICE, P. Logic and conversation. In: COLE, P. and MORGAN (ed.). Syntax and Semantics, vol. 3, 1975.
- HYMES, D. Foundations in Sociolinguistics: An Ethnographic Approach. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.
- LABOV, W. & FANSHEL, D. Therapeutic Discourse - Psychotherapy as conversation. New York, Academic Press, 1977.
- LABOV, W. "The transformation of experience in narrative syntax". In: LABOV, W. Language in the inner city: studies in the black english vernacular. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. "Speech actions and reactions in personal narrative". In: TANNEN, D. (ed.) Analysing discourse: text and talk. Washington, D.C. Georgetown University Press, 1981.
- LABOV, W. & WALETSKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: J. Helm (ed.) Essays on the verbal and visual Arts. Leattle: University of Washington Press.
- LACAN, J. O Seminário. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, livro 11, 1979.
- LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- LAVANDERA, B.R. Curso de linguística para el analisis del discurso. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1985.

- LEVINSON, S.C. Pragmatics. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- LONGACRE, R.E. Grammar of Discourse. New Yorks, Pantheon, 1983.
- PERINI, M.A. "O papel da repetição no reconhecimento de sentenças". In: Ensaaios de Lingüística, Belo Horizonte, 1980.
- SCHENKEIN, J. (ed.) Studies in the Organization of Conversational Interaction. New York, Academic Press, 1978.
- SCHIFERIN, D. "Tense variation in narrative". In: LANGUAGE, volume 57, nº 1, 1981.
- SEARLE, J.R. Speech Acts. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- TODOROV, T. As estruturas narrativas. São Paulo, Perspectiva, 1979.